

BIBLIOTECA  
PARA A INFANCIA

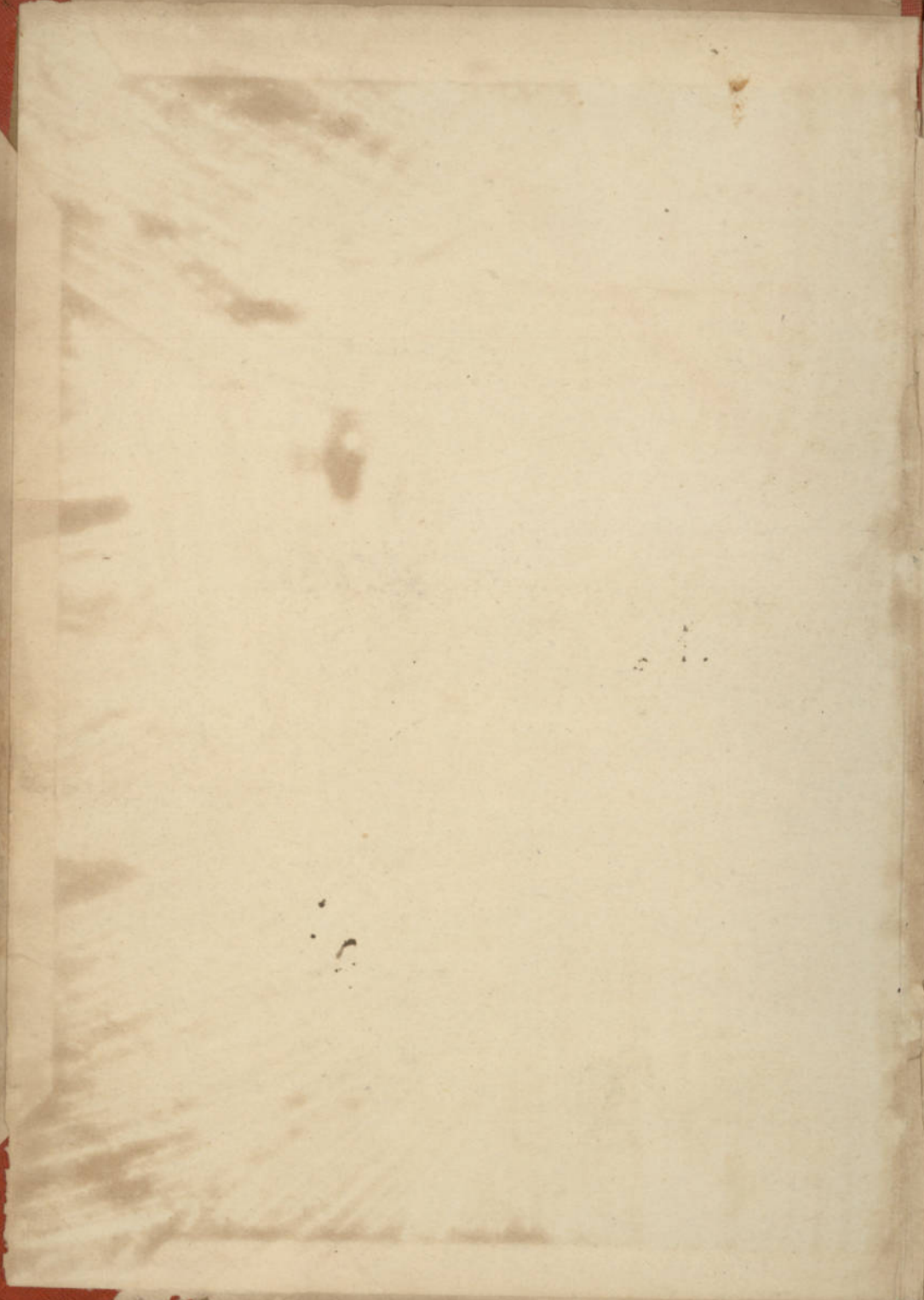
MARIA O'NEILL



Para  
Divertir

PARCERIA A. M. PEREIRA  
LIVRARIA EDITORA









BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

POR

MARIA O'NEILL



50672

# PARA DIVERTIR

IMP. LEGAL

CONTOS



1915

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

*Rua Augusta—44 a 54*

LISBOA

~~A 8101~~





O António é um pequeno muito inteligente e estudioso, apontado como exemplo a todos os rapazes da sua idade que frequentam a mesma escola. Quando se fala em atenção ás explicações do profes-

sor, nenhum lhe leva a palma no modo por que sabe escutar, tirar apontamentos úteis com método e serenidade, demonstrando pelos seus actos e modos que o tempo que se gasta com êle não é perdido, antes pelo contrário. A sua carteira é um modêlo de arranjo, e não ha memória de que êle vá para o recreio dei-

xando qualquer livro ou objecto de estudo fóra do seu lugar.

Junto dêle, quiz a sorte que ficasse um pobre rapaz, tão bom como êle, mas cuja intelligência em nada se parecia com a sua. Muito desejoso de aprender, Pedro abria grandes olhos procurando entender quanto o professor explicava; mas era em vão!

A sua pobre cabeça não era feita para o estudo. Ás vezes, quando as aulas terminavam, Pedro retirava-se sósinho e de cabeça baixa, sentindo uma grande mágua por não ter percebido cousa alguma e receiar ter de dar lição no dia seguinte.

Uma tarde, o professor chamou-o á pedra. Êle ergueu-se, tremendo, e a tremer pegou no giz. Não fez nem disse senão asneiras, e o professor mandou-o sentar, depois de lhe ter passado uma forte repreensão.

O pequeno, muito envergonhado, côrado até ás orelhas, retomou o seu lugar com as lágrimas nos olhos, enquanto os condiscípulos o seguiam com olhar zombeteiro e um sorriso de troça.

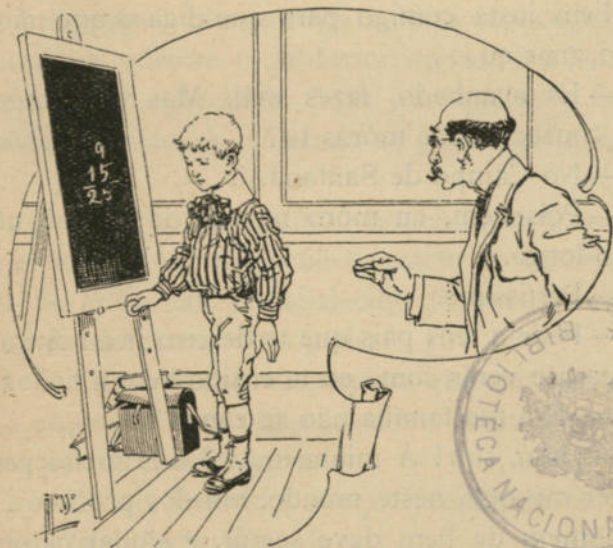
António, porém, não se riu. Em vez de fazer còro com os companheiros, pediu ao professor para lhe dizer uma cousa. Autorizado a isso, afirmou-lhe:

—O Pedro estudou, que eu vi; mas está doente, e é por isso que não deu bôa conta de si. Se V. Ex.<sup>a</sup> o chamar ámanhã, ou em outro qualquer dia, verá que êle sabe a lição.

O professor fitou com simpatia o seu melhor aluno e volveu-lhe com brandura:



— Dou-lhe os parabens pelo seu procedimento, menino. Era o António, de todos os meus discípulos, o que tinha mais direito de rir por ser o que melhor pode avaliar as tolices que êle disse, e, em vez de o fazer, desculpa-o... embora êle o não mereça. Êsse



Não fez nem disse senão asneiras. (Pag. 6)

acto de bôa camaradagem eleva-o muito na minha opinião acima dêstes senhores, que só acham risos de escárnio para celebrar a triste figura do seu condiscípulo, figura que não estão livres de fazer por sua vez e os vexará por seu turno.

Quando as aulas acabaram, António enfiou o seu braço no de Pedro e, saindo com êle, perguntou-lhe:

— ; Tu não tens um explicador ?

— Não. O meu pai é muito pobre. Só em comprar-me os livros faz um grande sacrificio. Eu gostava de lhe poder mostrar que sou reconhecido, aproveitando as lições ; mas, por mais que faço, não percebo nada e acanho-me de fazer perguntas ao mestre. Êle bem insta comigo para que diga o que não entendo, mas eu . . .

— És acanhado, fazes mal. Mas vou propor-te uma cousa. ; Onde mórias tu ?

— No Campo de Santana.

— Pois bem, eu móro na rua do Telhal, não é muito longe.

— Pertissimo.

— Pede a teus pais que te deixem ir á noite a minha casa e verás como eu te ensino bem a lição.

— ; E a tua familia não se zanga ?

— ; Isso, sim ! A minha mãe é a primeira pessoa a dizer me que, neste mundo, um dos preceitos, que um homem de bem deve seguir, é ajudar os outros em tudo que não envolva prejuizo próprio, ; percebes ?

— Percebo. É o mesmo que dizer: em tudo que não seja mau para êle.

— Exactamente.

Assim conversando, tinham chegado ao Campo de Santana. Despediram-se com um amigável apêto de mão e António insistiu :

— Até logo.

— Até logo, repetiu Pedro com muito reconhecimento.

Não narraremos aqui, porque é desnecessário para a nossa história e seria muito aborrecido de ouvir, o grande trabalho que António teve para conseguir meter a lição na bronca cabeça do seu novo amigo. Mas, no dia seguinte, entrando na aula, o explicador improvisado ia radiante. O professor, que era um homem experimentado, percebeu logo que qualquer coisa se havia passado, e, voltando-se para Pedro, disse-lhe:

— Como o 57 me afirmou hontem que o menino sabia a lição, e eu sei que êle é *incapaz de mentir*, pergunto-lhe se já está restabelecido do seu incómodo, porque desejo chamá-lo á pedra.

O pequeno Pedro respondeu que estava muito bem e ergueu-se com um *á vontade* e uma certeza que fez pasmar os condiscípulos.

O professor, divertido, porque pressentia de onde lhe vinha a sciência, disse-lhe:

— Resolva-me êste problema: Compraram-se 3 centos de laranjas á razão de 20 centavos a dúzia. Que lucro se obtem, revendendo cada laranja a 2 centavos?

Sem hesitar, o pequeno respondeu:

— O número de dúzias de laranjas conhece-se vendo quantas vezes 12 cabe em 300. Isto corresponde a dividir 300 por 12.

Ao mesmo tempo que falava, ia escrevendo na pedra:

$$\begin{array}{r|l} 300 & 12 \\ 60 & 25 \\ \hline 0 & \end{array}$$

E continuou:

— Os três centos de laranjas custaram ao comprador 25 vezes 20 centavos, isto é, 5 escudos, e revendendo-se a 2 centavos cada laranja, produzem 300 vezes 2 centavos, ou 6 escudos. O lucro vem a ser a diferença entre os preços da venda e da compra, quer dizer, entre 6 escudos e 5 escudos: vem a ser, portanto, de 1 escudo.

Os rapazes estavam todos espantados e o professor, contente, passou-lhe outros dois problemas, que êle resolveu igualmente bem. Marcando-lhe uma bôa nota e mandando-o para o seu lugar, o mestre disse-lhe:

— ¡ Ora até que emfim! Deu-me uma lição que pode figurar entre as bôas que êste ano aqui se têm dado. Espero que não volte depois dela a fazer tristes figuras.

Os condiscípulos cochichavam entre si, e António, em vez da alegria ativa com que entrara na aula, estava sucumbido e triste. Quando a campainha, anunciando o recreio, suspendeu os trabalhos escolares, êle, em vez de seguir os companheiros, veio ter com o professor, dizendo a mêdo:

— Queria dar-lhe uma palavra em particular.

— ¿De que se trata? perguntou interessado o Dr. Décio.

— Venho pedir-lhe perdão.

— ¿De quê?

— É que ontem, impressionado pela troça que os meus colegas fizeram ao Pedro, eu disse que êle sabia a lição. Na ocasião pareceu-me que procedia bem; mas, vendo hoje que V. Ex.<sup>a</sup> acreditou no que eu tinha dito, por me julgar *incapaz de mentir*, senti que, no empenho de defender o meu condiscípulo, faltei, sem querer, ao que devia ao meu professor.

E muito vexado, com os olhos fitos no chão e o olhar empanado de lágrimas, o pequeno António esperava ouvir a repreensão que tinha por justa.

Em silencio, o professor olhava-o com estima. Depois, aproximando-se do estrado em que tinha a carteira, tirou dela um livro de estudo, de que era autor, e escreveu na primeira página a seguinte dedicatória:



— Ahi tem. Quando fôr homem recordará com orgulho...

(Pag. 12)

«Ao melhor e mais digno character infantil, que até hoje tenho conhecido, ofereço este volume como prova do aprêço e estima em que tenho a sua rara lialdade.»

Em seguida, voltando junto do pequeno, afagou-lhe a cabeça e, beijando-o, disse-lhe :

— Ahi tem. Quando fôr homem, recordará com orgulho êste episódio da sua infância. Quanto ao seu condiscípulo Pedro, meu amiguinho, não o recomendo ao seu coração: já vi de que êle é capaz.

Não se enganou o Dr. Décio. Pedro, devido aos cuidados e explicações de António, pôde fazer o curso do liceu, sempre guiado por êle, e hoje que António é um homem, já casado e com filhos, quando abre a grande estante do escritório, onde encerra os seus melhores livros, lança sempre um olhar de simpatia ao volume que o Dr. Décio lhe ofereceu quando era pequeno. De todos os livros que tem na estante, é êle o de mais modesta aparência. E comtudo é o único volume que, apesar da sua generosidade, êle não empresta a ninguém.

Sorri-lhe nêle a infância, já tão distante, em que os seus actos, sempre nobres e bons, demonstravam já que êle havia de ser o que hoje é: um chefe de família exemplar.



# NO JARDIM



## II

— ; Diz-me uma cousa, avôzinho?

Pede o pequeno Bébé.

— Se eu souber, digo, meu neto.

— ; A terra da foca, onde é?

— É na América do Norte

Onde abunda êsse animal.

— ; Que peixe tão feio e mau!

— Não é peixe, nem faz mal.

— ; Não é peixe e nada n'água?!

; Essa agora, meu avô!

— É um mamífero, Bébé!

; O menino não estudou

A lição, que ontem trazia  
Em sciências naturais?  
Tratava da vida e hábitos  
Dêstes mesmos animais.

— É que no livro, avôzinho,  
Acho tudo maçador,  
Enquanto que nos jardins . . .  
— ; Precisas informador?

Já com dez anos completos  
Tens razão de ter vergonha.  
— Não diga mais nada, avô,  
E vamos vêr a cegonha.

— E' isto. O senhor meu neto  
Não só ontem não estudou,  
Como hoje foge de ouvir  
Resposta ao que perguntou.

Pois agora, meu menino,  
Vou te dar aqui lição,  
Como castigo de sêres  
Volúvel e mandrião.

— Basta, avôzinho, não ralhe,  
Pois num momento aprendi  
Que a terra donde era a foca  
E' muito longe d'aqui:



Que é um mamífero e não peixe,  
Que não faz mal a ninguém  
E é fácil domesticá-la  
Pelo bom génio que tem.



— Sim, sim, mas tens de me ouvir. (Pag. 16)

Agora não explique mais . . .  
Mostre que gosta de mim :  
Leve-me a vêr os macacos  
Que é o melhor do jardim.»

Seguindo o neto, que o puxa  
Para o sítio onde quer ir,  
O velho, a sorrir, lhe diz :  
— Sim, sim, mas tens de me ouvir :

A foca tem filhos vivos  
Não põe ovos como os peixes . . .  
— ; Olhe os macacos, avô !  
— Has de ouvir e não te queixes.

Se pretendias folgar  
Sem ter de ouvir-me um sermão,  
Não mostrasses ignorar  
O que tinhas por lição.»

Bébé ouviu resignado  
Quanto seu avô lhe disse,  
E pensou co'os seus botões :  
— Em não estudar fiz tolice.

Mas quando, passados dias,  
De novo ao jardim voltou,  
Era sábio em zoologia  
E deslumbrou seu avô.





# A padeira de Santarém

## III

Martinha era uma bôa mulher, casada com o melhor padeiro que existia na cidade de Santarêm, no ano de 18. . . Muito séria, muito asseada e muito trabalhadeira, era o modelo das bôas donas de casa. Tinha contudo um senão a mulher do padeiro. Queria ser tratada como se fôsse senhora, que as suas três criadas lhe dessem dom e que os fregueses a tivessem na conta duma mulher instruida e bem falante.

Andára em pequena na escola e aprendera a lêr, a escrever e a fazer as quatro operações. Estava convencida de que era uma pessôa muito instruida, e gostava de empregar na conversa palavras pouco vulgares, para espantar as pessôas com quem falava. Logo de manhã, muito bem vestida e penteada, descia á

loja para verificar a venda do pão, segundo o que dizia, mas na realidade era para se ouvir chamar muita vez senhora D. Martinha e dar-se ares importantes de pessoa considerada e bem nascida.



— Ah! sim?! Eu não sabia que isso se chamava assim. (Pag. 19)

— Muito bons dias, snr.<sup>a</sup> D. Martinha! dizia-lhe, entrando na loja, a sua vizinha e lavadeira. Como passou a noite?

— Bem, minha rapariga, muito bem, apesar de ouvir a todo o momento os roncões que o meu homem solta a ressonar.

— Essa agora! Então a senhora dormia e ouvia os roncoss do snr. Romão?

— Ouvia. Eu tenho os sentidos tão apurados que, mesmo a dormir, oiço tudo que se passa. Sou uma pessôa invulgar.

A lavadeira abriu muito os olhos e disse com admiração sincera:

— Ah! sim?! Eu não sabia que isso se chamava assim.

E, nessa tarde, batendo a roupa na pedra do rio, dava ás lavadeiras suas colegas a seguinte novidade:

— Ai, a minha freguesia D. Martinha é uma criatura que sabe muito, e é até diferente das outras. Imaginem vocês que ela, quando dorme, ouve tudo exactamente como se estivesse acordada. Esta noute ouvia os roncoss do marido.

— O' tia Engracia, isso não pode ser! Só se foi a sonhar. Vocemecê já ouviu alguma cousa enquanto está a dormir?

— Eu não, senhora; mas, se tivesse ouvido, não acharia razão para me espantar como faço agora.

— Eu cá não quero crer. Isso é embuste da mulher, comentou a Rosa das Eiras, torcendo nas mãos nevadas e robustas um grande lençol.

— Aquilo não é saudavel, ¿sabem vomecês? voltou a ti'Engracia confidencialmente. E' uma doença, uma moléstia que tem o nome de invulgar.

— Lá se é doença, já não digo nada, voltou, abalada, a Rosa. Ha males mais exquisitos!...

E toda a pequena cidade soube que a snr.<sup>a</sup> D. Martinha padecia de *invulgar*.

Quando isto chegou aos ouvidos dos seminaristas,

estes riram a bom rir e decidiram ir, uns atrás dos outros, perguntar á senhora dona Martinha como estava da sua doença.



... riram a bom rir...

Um pequeno, irmão d'um dos seminaristas, via estes rirem muito e não compreendia a razão de tais gargalhadas. Chamou o irmão de parte e perguntou-lhe porque achavam tanta graça a que a pobre mulher tivesse tal doença.

— Tu sempre és muito pateta! respondeu êle. Não ha tal doença. Aquilo é uma tolice das muitas da padeira da rua do Meio.

— Mas o que quer dizer *invulgar*? perguntou o pequeno.

— O contrário de vulgar. Sabes o que quer dizer?

— Não,olveu êle, vexado por ter de mostrar a sua ignorância.

— Vulgar, explicou o outro, é uma cousa muito vista, muito conhecida, muito usual. Precedida do prefixo *in*, quer dizer justamente o contrário: uma cousa que é rara, que se não vê com frequência. Percebes?

— Não é difícil. Mas então não me parece caso para rir, e sim uma confusão de quem a ouviu. O que ela deve ter dito é que tinha uma doença que não é vulgar.

— Enganas-te. Ela tem optima saude e o unico mal que se lhe pode attribuir é vulgarissimo: chama-se toleima. Vou contar-te um facto passado com ela, a que has de achar graça, apesar da tua pouca idade, porque t'ô vou explicar. Ela estuda nos dicionários os sinónimos que lhe parecem menos usuais para deslumbrar os seus interlocutores.

— Tu estás quasi a fazer o mesmo. Eu não sei o que são sinónimos nem o que são interlocutores.

— Eu te digo: sinónimos são as palavras que equivalem a outras no sentido geral e diferem no particular. Por exemplo, mandrião e preguiçoso. Mas succede que, muitas vezes não se podem empregar em substituição umas das outras sem o disparate ser completo. Ora a mulher, procurando no dicionário um sinónimo da palavra *língua*, encontrou *idioma*, e, não sabendo que esta palavra se referia ás línguas, que se falam, e não áquela com que se fala, ficou encantada

de ter com que deslumbrar os fregueses, no dia seguinte de manhã. De facto, á hora a que a loja estava mais cheia de gente, ela desceu, muito vistosa, trazendo um vestido côr de rosa clara, e, depois de retribuir os cumprimentos dos fregueses, voltou-se para a ti'Engracia, que esperava encostada ao balcão que lhe entregassem o pão que ia buscar, e disse-lhe sorridente :

— «Faz-me um favôr, vizinha?

— «Ora essa! A snr.<sup>a</sup> D. Martinha manda.

— «Então, disse ela, erguendo propositadamente a voz, chegue-me ali ao talho do Lourenço e traga-me meio kilo de idioma de pôrco para o jantar.»

«Já vês a tolice. Isto correu rápidamente, e é por isso que tu vês em Santarêm todos rirem a bom rir dos dislates da snr.<sup>a</sup> D. Martinha.

No dia seguinte, que era feriado, os seminaristas entravam em fila por uma das portas do estabelecimento do Romão e saíam pela outra, perguntando á snr.<sup>a</sup> D. Martinha :

— Como está da *invulgar*? Tem *idioma* de pôrco?

Ela, desesperada, chamou-lhes nomes feios e atirou-lhes com os pães, com os pesos, e até com as balanças. O pequeno, irmão do seminarista, que na véspera não pudera rir por não compreender onde estava a graça, dava agora gargalhadas fortes e seguidas. Mas, quando aquela brincadeira de maldade terminou, disse ao irmão :

— Eu diverti-me, mas isto não foi bom nem bo-



nito. Os dislates da snr.<sup>a</sup> D. Martinha, como tu lhes chamas, só deviam servir para uma cousa.

— Dize.

— Para quem os ouvir ter o cuidado de não em-



— N'este sentido, não. (Pag. 24)

pregar na conversa palavras de que não conheça bem a significação. Eu vou ser muito cuidadoso n'isso e, para começar, pergunto : o que é dislate ?

— Disparate, desconchavo.

— Não ha perigo de ser tolice o seu emprego?

— N'este sentido, não.

— Então hei de empregar essa palavra muitas vezes. Não te escondo que compreendo o gosto da formosa padeira: empregar palavras, que os outros não percebem, sem desacerto, tem dado a muita gente, que não é sábia, fama d'isso. Eu hei de parecer sábio, usando desse modo discreto a receita da snr.<sup>a</sup> D. Martinha.

— Aí a tens. Manda-a aviar.

E, com ar pomposo, o seminarista declamou:

Muita pompa no falar,  
Muita gala no dizer,  
Fazem d'um parvo erudito,  
Como aos centos podes vêr.

— Excederei a snr.<sup>a</sup> D. Martinha, mas sem desacertos, verás.

— Não te gabo o gosto. Ainda que, verdade, verdade, não creio que estejas em erro. Um criado, cá do seminário, costuma dizer:

— « Bom, bom, sem defeito que se lhe possa pôr, e que agrada sempre a todos, é o sermão que só entende bem o prégador que o diz. »





# NO ENTRUDO



IV

Cái chuva torrencialmente.  
O vento ulula feroz.  
E Berta, alagada em água,  
Vai gritando em alta voz :

— « ; Comprem sardinha salgada !  
« ; A vintem um quarteirão !  
« E' pequenina, mas vale  
« A que se vende a tostão. »

Ninguêm chama a pobrezinha  
De saia rota e pés-nús,  
Porque os que têm dinheiro  
E' raro não serem crús.

Por dentro duma vidraça,  
Vestindo lindo veludo  
Vai reparando em quem passa  
Um chéchézinho de entrudo.

Ao vêr a pobre pequena  
Açoutada pelo vento,  
O elegante ché-ché  
Teve um nobre pensamento :

Chamou Berta da janela  
E foi recebê-la á escada.  
Tirou-lhe a giga das mãos  
E, entregando-a á criada,

Perguntou: — ¿ Quanto é que custa  
Toda a sardinha que ahí está?  
— Oito vintens, meu menino,  
Mas olhe que não é má.

— Toma dois tostões, pequena.  
Anda vêr a minha mãe.  
Ela tem bom coração  
E ha de fazer-te bem.

Intimidada, a varina  
Foi seguindo o protector,  
Que abriu devagar a porta  
Que dava p'ra o toucador,

Onde a mãe, vendo-se ao espelho,  
Acabava o penteado.

— Mamã, venho-lhe pedir  
Um favor ajuizado.



— Que é? pergunta a mãe

— Que é? perguntou a mãe,  
Reparando na varina.

— Se, em vez de me dar brinquedos,  
Veste antes esta menina.

«Gastar dinheiro em bisnagas»

«Confêtis e serpentinas»

«Parece-me um acto mau,

«Quando ha tão pobres meninas.»

— Pensas muito bem, meu filho.  
Aceito o teu sacrificio  
Para que saibas e sintas  
O gôzo dum beneficio

«Que nos impõe privações.  
«Não jogarás o Entrudo,  
«Mas verás que a Providência  
«A quem muito dá, dá tudo.»

Não jogou Vasco, mas teve  
Bem maior satisfação,  
Vendo quanto bem fizera  
Com tão leve privação.

Ficou freguez da varina  
Que o chama *meu benfeitor*.  
Não só não se arrependeu,  
Mas diz com ar protector :

— Nunca mais jogo o Entrudo.  
Em vez de á doida gastar  
Tenho a pequena varina  
De quem preciso cuidar.

Passaram anos e anos.  
Vasco brincou sem dinheiro.  
O que lhe davam guardava  
Dentro do seu mealheiro.

Na quarta-feira de Cinzas,  
O mealheiro quebrava  
E tudo que nêle havia  
Á pobrezinha entregava.



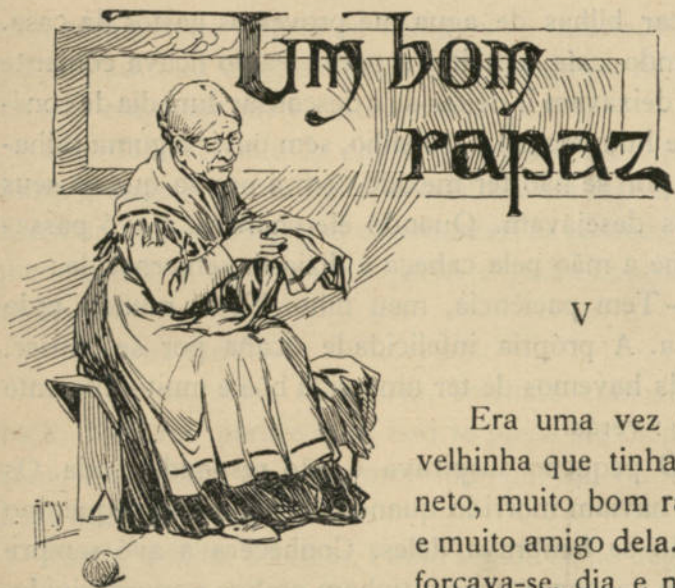
O mealheiro quebrava...

E, ao vê-la passar na venda,  
Bem vestida e bem calçada,  
Pensava que igual prazer  
Nenhum brinquedo lhe dava.









V

Era uma vez uma velhinha que tinha um neto, muito bom rapaz e muito amigo dela. Esforçava-se, dia e noite, a pobre criatura a bordar para fóra e a custo conseguia ganhar o dinheiro preciso para ambos se sustentarem miseravelmente.

Por caridade, ensinava-lhe a ler e a escrever um professor d'instrução primária que morava próximo do pátio onde, n'uma modestíssima casa, eram recolhidos a trôco de prestarem pequenos serviços. Paulo era um rapaz muito inteligente e digno e, embora nada dissesse, sofria muito. Os seus companheiros de estudo tratavam-no com desdém. Êle via que, mesmo o professor, o não considerava do mesmo modo que aos outros. Depois, ao regressar a casa, não era mais

feliz: nunca comia quanto desejava, e as pessoas, que, por caridade, o recolhiam, mandavam-no ao chafariz buscar bilhas de agua até prover os gastos da casa. Quando caía a noite, o pobre Paulo ficava contente se o deixavam ir deitar-se e descansar dum dia de constante humilhação e trabalho, sem ouvir alguma ralhação por se não ter mexido com a pressa que os seus amos desejavam. Quando êle chorava, a avó passava-lhe a mão pela cabeça e dizia-lhe enternecida :

— Tem paciência, meu filho. Nêste mundo tudo cansa. A própria infelicidade acaba por se cansar. Ainda havemos de ter uma vida bôa e muito diferente disto : verás.

O pequeno suspirava e não respondia nada. Os pais haviam morrido quando êle era muito pequenino e não se lembrava dêles. Conhecera a avó sempre pobre, e como pobres tinham ambos sempre vivido. Parecia-lhe impossível que a sorte lhe reservasse outro destino menos penoso ; mas estudava com afincó e grande desejo de saber. Se eu aprender muito bem a ler, a escrever, e a fazer contas, posso ir ser caixeiro duma mercearia. Não ganharei muito, mas talvez seja o preciso para não termos de ficar com vontade de comer, como tanta vez succede.

O mestre era, na escola, a única pessoa que, apesar de se zangar constantemente com êle, lhe manifestava interesse. Um dia disse-lhe :

— Vou preparar-te para exame. Tu não és tolo e sempre é uma habilitação.

Fez-se uma subscrição entre os alunos para comprar os livros de que Paulo precisava e, nêsse mesmo ano, com grande alegria da velha avó e admiração de todos, Paulo fez exame e ficou distinto, apesar de não ter tido ninguêem que se interessasse por êle.

Dias depois, vindo do chafariz vergado sob o pêso duma grande bilha de água, encontrou um rapaz que distribuia papeis amarelos e vermelhos ás pessoas por quem passava. Apressou o passo e pediu com bom modo:

— Dá-me um?

— Aí tens, disse o homem, sorrindo com ar de troça. Não me parece que isso te possa servir para nada; mas, como eu estou morrendo por me vêr livre desta séca. . .

Pondo a bilha no chão, Paulo sentou-se no degrau duma porta e dispôz-se a ler o prospecto.

«Taquigrafia, leu êle no cimo da fôlha, em letras maiusculas. E, ao lado, em caracteres vermelhos: «O que é taquigrafia?»

«E' a arte de escrever ràpidamente por meio de sinais representando não só letras, mas sons ou grupos de letras».

— ¡E' bôa! exclamou êle admirado. ¡Sempre se inventa cada cousa! Eu nem sonhava que havia isto.

Interessado, continuou:

«A proposição *a*, em caligrafia, precisa de quatro movimentos, em taquigrafia é só um ponto (.) ; a letra *p*, servindo-nos do alfabeto vulgar, obriga-nos a

fazer cinco movimentos; na taquigrafia apenas um ( \ ). Qualquer pessoa, logo que conheça bem este modo de escrever, pode sem esforço escrever 60 a 80 palavras por minuto.»



— Dá-me um? (Pag- 33)

Paulo estava maravilhado. Mas, momentos depois, a sua alegria era enorme, lendo ainda no reverso da fôlha, em caracteres vermelhos :

«*Ordenados esplêndidos.* Muitas firmas importantes em Portugal conhecem o valor da taquigrafia tão bem que não empregam só um, mas dois, três, e até

oito taquígrafos, pagando-lhes esplêndidos ordenados: o dobro do que um empregado usual ganha. Em dez semanas ou três meses, no mínimo, pode ter-se esta grande habilitação comercial. R. \* \* \*, n.º 100.»

Dobrando maquinalmente o papel, Paulo meteu-o ao bolso e, pegando na bilha, dirigiu-se para casa, pensando:

— Ainda que o papel não tivesse outra utilidade, já servia para me ensinar a significação duma palavra que eu não conhecia. Mas ainda me hade servir para mais, ou eu me engano muito.

Quando acabou de encher tudo de água, vestiu o seu melhor fato e, metendo o papel, cuidadosamente dobrado, no bolso do casaco, dirigiu-se a casa do seu antigo professor. Foi amavelmente recebido porque o sr. Vaz estava de bom humor:

— Ora viva o meu amigo Paulo, exclamou êle alegremente. ¿ A que devo a sua visita ?

Muito embaraçado, agitando o chapéu na mão, o pequeno contou-lhe como lhe haviam dado na rua o papel e o desejo que tinha de estudar taquigrafia para poder ganhar um bom ordenado e melhorar a situação da avó.

— E' muito justa a tua ambição ¿ Mas que posso eu fazer-te nisso ?

— Como tirar a certidão do exame é muito caro, eu vinha vêr se o sr. Vaz não tinha dúvida de me passar um atestado dizendo que eu fui sempre bom estudante e que fiquei distinto, para eu ir com êsse

papel procurar êste senhor e vêr se êle me faz o mesmo favôr que o senhor me fez, ou se me ensina e fia o seu trabalho até que, estando empregado, eu lho possa pagar. E' sobre tudo nisto que eu quero insistir.

— Passo o atestado, passo. Tenho até muito gôsto nisso.

E o sr. Vaz, não só passou um atestado magnífico ao seu ex-discípulo, como escreveu uma carta ao professor explicando-lhe as condições do rapaz. Depois, entregando os dois papeis a Paulo, disse-lhe:

— Estimo que tenhas sorte. Não deixes de me dizer se fôres bem sucedido.

Agradecendo, Paulo retirou-se apressado e foi procurar a criatura a qual, havia um momento, êle considerava que tinha na mão o seu futuro.

Batendo á porta, parecia que o coração ia estalar-lhe no peito. Passou um longo bocado, em grande angústia. O pequeno desejava tocar segunda vez, com mêdo de não ter sido ouvido da primeira; mas a consciência de que ia áquela casa para pedir, tirava-lhe o ânimo de agitar a campainha. Sentiu que alguêm subia a escada com passo rápido e teve o pressentimento de que quem subia ia dirigir-se como êle para casa do taquígrafo. Voltou-se e viu um homem alto e loiro, vestindo uma capa de borracha e olhando para êle atravez dos óculos, com uns olhos azuis claros, cheios de sorridente bonomia.

— ¿ Que desejás, menino? perguntou êle.

— Falar ao senhor professor de taquigrafia, respondeu timidamente Paulo.

— Sou eu mesmo. Podes dizer o que queres.



— Sou eu mesmo.

Durante o caminho julgára Paulo que o passo que ia dar era muito simples e natural; mas, ao vê-se cara a cara com aquele desconhecido que o fitava com simpatia, a voz embargou-se-lhe na garganta e, fazendo-se muito còrado, sustendo a custo as lágrimas,

estendeu ao professor o atestado e a carta do seu antigo professor.

A grande comoção do pequeno não desagradou ao taquígrafo que, impelindo-o na sua frente, mal a criada abriu a porta, levou-o para o seu escritório e fê-lo sentar numa cadeira, enquanto tomava conhecimento dos papeis que êle lhe havia entregado. Terminando a leitura da carta, que o professor Vaz lhe havia escrito, o sr. Syderey, que assim se chamava o taquígrafo, voltou-se para Paulo e disse-lhe afavelmente :

— E' muito justa a sua pretensão. O prêço de cada lição é de 30 centavos. Logo que o senhor esteja empregado pagará uma lição em cada mez até ao pagamento final da sua dívida. ¿ Quer começar já hoje?

— Como V. Ex.<sup>a</sup> entender.

Percebendo que o pequeno ardia em desejos de dar a primeira lição, o sr. Syderey ergueu-se da cadeira, dizendo-lhe :

— Então siga-me.

E entraram na primeira aula. Eu não quero dar aos meus leitores a maçada de assistir a uma lição a mais das que decerto já têm; mas o que lhes garanto é que o pequeno Paulo não se aborreceu e, posto á vontade pelo professor, achou voz para lhe agradecer a maneira gentil por que acedera ao seu pedido. Voltando a casa, contou a sua avó quanto sucedera, e ela, muito contente e esperançada, dizia-lhe com convicção :



— Pois está de vêr que tudo cansa, até a própria infelicidade. Eu bem te dizia que a sorte havia de mudar um dia.

Ao fim de dois meses, já o pequeno Paulo era citado pelo taquígrafo como o melhor discípulo que até então tinha tido; mas, no dia em que êle completou três meses, o professor chamou-o ao seu escritório e disse-lhe:

— Não tenho mais nada que lhe ensinar. O senhor é tão hábil taquígrafo como eu. Tem a sua educação terminada. Vou propor-lhe o seguinte: Eu tenho, a pedido de vários amigos, de ir fundar em Coimbra uma escola de taquigrafia. Quer o senhor, apesar da sua pouca idade, ficar dirigindo esta casa durante a minha ausência e ir para Coimbra logo que eu possa voltar aqui?

E, sem esperar resposta, ajuntou:

— Dou-lhe 30 escudos e casa para si e sua avó, tanto aqui como em Coimbra.

Louco de contente, Paulo cobriu-lhe as mãos de beijos, chamando-lhe seu benfeitor.

— ; Oh, não! protestou o taquígrafo, engana-se. Eu não faço favôres, faço negócios.

E, de facto, todos os meses descontou ao seu empregado os 30 centavos de cada lição. Mas, quando chegou o Natal, ofereceu ao seu amigo Paulo três acções duma forte Companhia Africana, no valor de 50 escudos cada uma, e aproveitou a ocasião de lhe dar êste conselho:

— E' muito novo, Paulo; siga-me o conselho e o exemplo. Em negocios, dê crédito ou não, como en-

tender conveniente, mas nunca faça favôres. Fôra disso, se, sem se prejudicar, puder obsequiar um amigo, não deixe de o fazer. Sente-se nisso muito prazer.

Paulo tão bem lhe tomou os conselhos que, nêsse mesmo Natal, o seu antigo professor Vaz recebia do seu pequeno discipulo um bom e valioso presente, oferecido com tanta delicadeza que êle se sentiu comovido até às lágrimas e censurou-se no seu íntimo por ter sido algumas vezes mau para êle.

Paulo tem hoje vinte anos, é solteiro e pode servir de modelo a todos os rapazes que desejem ser bons. Sua avó tem uma vida dôce e confortavel e, agora que a miséria passou, não desgosta de recordar com um sorriso alegre os dias de trabalho excessivo e quasi de fome.

O próprio Paulo alude frequentemente ao tempo em que ia buscar água ao chafariz, parecendo-lhe impossivel tudo aquilo que por êle pas-



Paulo tem hoje vinte anos

sou. E é natural. A natureza humana habitua-se com extrema facilidade a tudo quanto é bom. Só se não pode habituar ao que a faz sofrer. E' pena, porque era muito cómodo.







VI

Fócion estudou com Platão  
E tanto dêle aprendeu,  
Que, apesar de muito pobre,  
Nada aos seus olhos valeu  
Senão ser honrado e nobre  
Nas acções e sentimentos.

Demóstenes, nêsse tempo,  
Era o maior orador,  
Mas... aceitava dinheiro

Para fazer um favôr.  
Não tinha, como o primeiro,  
Só altivos pensamentos.

Um dia, talvez levado  
Por qualquer feia razão,  
Quiz os gregos arrastar  
A' guerra, por convicção,  
Mas não o pôde efectuar  
Porque o bom Fócion velava.

E quando êle, com cinismo,  
Ante o povo perguntou  
Quando aconselhava a guerra,  
Fócion logo retrucou  
Com grande serenidade :

— Quando eu vir rapazes prontos  
A vencer ou a morrer :  
A' voz da Pátria os seus filhos  
Prontos a tudo perder :  
E os oradores por trilhos  
Que os não levem á fortuna.

Envergonhado, Demóstenes  
A carapuça assentou  
E nunca mais ao bom Fócion  
Opiniões perguntou,  
Temendo a sua franqueza.

Vem a proposito agora,  
Meus meninos, afirmar:  
Quem tem culpas deve ter  
Cautelas em perguntar,  
Se não quer ouvir dizer...  
O que lhe convém calar.









# A marmelada

## VII

A tia Adelaide era uma senhora que não tinha mais de cincoenta anos, mas, apesar de ser muito feia, ouvia-se constantemente apodar de minha *linda* tia, minha *formosa* tia, etc.

Os sobrinhos adoravam-na e compreende-se porquê, quando se souber que ela estava sempre pronta a ensinar-lhes as lições, leva-l'os a passear, e a ocultar-lhes as faltas para que êles não ouvissem ralar. Uma tarde, Ludovina, a pior de todas as sobrinhas da tia Adelaide, estava sentada no jardim a combinar com seu primo João a melhor maneira de irem roubar a magnífica marmelada, feita pela receita das freiras de Odivelas, que sua mãe recebera de presente naquela mesma manhã. João, mais bem educado do que ela, levantava dúvidas a todo o momento; Ludovina contestava-as, mostrando a grande vantagem que seria para êles apoderarem-se do dôce.

— Mas a tia, se vem a saber, ralha-nos...

— Qual vem a saber! Primeiro que ela dê conta ha de levar tempo. Os boiões são 24. Nós vamos só aos ultimos 6.

— Pois sim, mas por ser da tua mãe, ir tira-la sem licença não deixa de ser um roubo.

— Ah! que nome tão feio para uma cousa tão bonita! Então, quando eu como alguma cousa que é da minha mãe, sem licença dela, cometo um roubo?

— Certamente, porque o que é dela não é teu.

— Isso não é verdade. Minha mãe diz sempre que o que é dos filhos é dos pais e o que é dos pais é dos filhos.

— Isso é porque a tua mãe é generosa e não quer fazer-te sentir o bem que te faz. Já a minha madrastra, que não tem empenho nenhum em me ser agradável, encara de outro modo as cousas e, pensando bem, não posso deixar de lhe dar razão, apesar de não gostar dela.

— Bem, mas deixemos isso. Estou a falar-te da marmelada e tu, sem juizo nem goludice, vens-me com as ideas da tua madrastra, que não são cá precisas para nada. Gostas ou não do dôce?

— Muito.

— Ora isso é que importa. Vamos a êle.

— Mas como, se a dispensa está fechada?

— Muito facilmente. Pega-se na corda da roupa e ata-se a um dos varões de ferro da fresta a que a minha mãe, não sei porquê, chama o respiradoiro. Eu,

que já experimentei e sei que caibo por ela, desço primeiro e tu vens logo atrás. Levamos pão e uma faca, comemos á vontade e, quando acabarmos, voltamos pelo mesmo caminho.



Estava sempre pronta a ensinar-lhes as lições. (Pag. 47)

— Mas tu não cabes pela grade. E' impossível!...

— Se te digo que já experimentei! Depois, isto tem muita graça. E' brincar aos ladrões. Eu sou o Arsénio Lupin...

— Não gosto. Preferia ser Sherlok Holmes.

— Anda, mexe-te, não sejas parvo.

— ¿ Que queres tu que eu faça ?

— Vai devagarinho ao armário, e traz o pão e a faca.

— ¿E tu que fazes ?

— Vou buscar a corda, que é mais difícil de tirar por causa das criadas que podem vêr da janela da casa dos engomados.

Minutos depois, voltava cada qual trazendo aquilo de que se encarregara.

— ¿Ninguêem te viu? perguntou Ludovina a João.

— Ninguêem. E a ti?

— Viu-me a Joana, mas eu preguei-lhe uma *pêta* e ela acreditou piamente.

E falando, muito entusiasmada, Ludovina atava a corda ao varão de ferro e deixava-se escorregar ao longo dela com o desembaraço e presteza com que o faria qualquer rapaz. Mal tocou com os pés no chão pegou com as pontas dos dedos nas bordas do bibe e disse:

— Atira o pão. Bem. Agora a faca. Optimo. Desce. E João desceu.

Então dirigiram-se de vagar para o fundo da despensa e Ludovina, com grande habilidade, levantava a crosta do dôce que, depois de comido todo o conteúdo do boião, era de novo colocada como uma espécie de tampa. Tão entretidos estavam que não deram por que um criado, que passava no corredor para onde dava o postigo, retirára a corda e fechára a vidraça que existia do lado exterior da despensa. Quando acabaram a sua façanha, quiseram saltar para cima, mas a corda tinha desaparecido. No primeiro momento supuzeram que era devido á muita escuri-

dão que a não achavam; mas dentro em pouco não lhes restou a menor dúvida de que estavam prisioneiros.

— Eu bem te dizia que isto dava mau resultado, dizia João muito aflito. ; Como havemos nós de justificar-nos, não me dirás?

E as lágrimas assomavam aos olhos do pobre pequeno.

— Isso agora é que eu não sei. . .

E Ludovina, atrapalhada, mas sem desanimar, andava em volta da despensa, olhando para tudo com muita atenção, como quem espera encontrar um auxílio imprevisto.

Não lhe falhou a expectativa. Ao canto da primeira prateleira descobriu um grande martelo e um escôpro.

— Ora eu bem te disse que não vale nunca a pena apoquentarmo-nos por pequenas cousas. Cá está o meio de nos pôrmos daqui para fóra.

E, dirigindo-se para a porta, a endiabrada pequena empenhou-se em fazer saltar a fechadura. Não se lembrou porém de que a bulha das marteladas daria sinal de alarme em toda a casa. Alguma cousa os maus deixam sempre de prevêr, e é esse pouco que, geralmente, os entrega ao justo castigo que merecem.

Os pais de Ludovina conversavam na sala com a tia Adelaide e, apesar desta já ter dito duas vezes com cuidado: «;Onde estarão os pequenos com tanto socego? Decerto não estão a fazer cousa bôa», a conversa seguia animada, e o pai e a mãe de Ludovina,

já habituados ás extravagâncias da filha, não estranharam a sua ausência. A tia Adelaide, cuja inquietação subia de ponto, disse de repente ao cunhado:

— Escute, menino. ; Não lhe parece ouvir umas pancadas de martelo, dadas com fôrça em madeira?



... levantava a crosta do doce... (Pag. 50)

— E' verdade, afirmou o pai de Ludovina.

— Tens razão, disse a mãe.

— Eu vou vêr o que é, propôs a tia Adelaide.

— De modo algum; eu é que vou.

— Então, nesse caso, vamos todos, respondeu a mãe para socegar a aflição da irmã, certa, desde a

primeira martelada, de que se tratava de alguma nova maldade da filha.

Fôram seguindo na direcção de onde vinha o som, e chegaram rápidamente á porta da despensa. Ludovina, sentindo a fechadura resistente, tinha pegado no martelo com uma mão e com a outra no escôpro, e batia com toda a ânsia neste. A fechadura acabou por ceder. Os pequenos, contentes, puxaram a porta; mas, quando iam para a transpôr, recuaram espavoridos.

— Que quer isto dizer? perguntou severamente o pai de Ludovina.

— Brincávamos aos ladrões, respondeu-lhe ela, mas um dos criados teve a estupidez de retirar a corda e de nos fechar a janela, e por isso tivemos de arrombar a porta.

Ludovina dizia tudo isto naturalmente, como quem não mede o alcance do acto praticado. João, còrado de vergonha, chorava.

— Tu sabes muito bem o que fizeste e eu também, disse êle; pede comigo perdão aos tios.

Ludovina não quiz pedir perdão, continuando a fingir que julgava não ter feito mal. Não conseguiu, porém, enganar os pais, que percebem sempre, pela larga experiência que têm da vida, quando lhes escondem a verdade.

João, pelos bons sentimentos que manifestou no seu primeiro arrependimento, foi perdoado. Ludovina viu-se condenada a não comer marmelada durante

um mês e, nessa noite, não foi ao Coliseu vêr os palhaços com o primo João, divertimento de que muito gostava.

Nunca mais brincou aos ladrões, e quando, ás vezes, alguma das crianças com quem brinca, a convida para fazer qualquer maldade, responde, no tom de quem sabe o que as cousas são :

— Não quero, porque não estou para sofrer depois as consequências disso.

E conta-lhes a história da marmelada.







VIII

Um dia, uma roseira  
Desabrochou um botão.  
Todos os olhos que o viam  
Sentiam tal tentação

De o colhêr, que o pobrezinho,  
Se pudesse adivinhar,  
Em vez de estar tão viçoso,  
Havia de definhar.

Assim, feliz, descuidado,  
Muito alegre de viver,  
Chegou-lhe o dia fatal  
Sem que o pudesse prever.

Uma menina, alva e loura,  
Ergueu-se em bicos de pés  
E, aspirando-lhe o perfume,  
Disse: — Que formoso que és!

Depois, num gesto brutal,  
Arrancou a linda flôr  
E pensou: «¿ Acaso as plantas  
Serão sensíveis á dôr?»

Um velhito que passava  
Penetrou-lhe o pensamento  
E, parando em frente dela,  
Bradou com severo acento:

— Quem abrevia uma vida,  
Quer seja de ave ou de flôr,  
Merece ser castigado  
Como um ser destruidor.

«E' triste vêr que, no mundo,  
«Onde uns aos outros se comem,  
«De todos os animais  
«O pior é sempre o homem.

«Logo que nasce, — coitado! —  
«Já vem inclinado ao mal.  
«A tudo quanto se chega  
«Torna-se logo fatal!

«Arrancaste a pobre flôr  
«Com tanta sofreguidão,  
«Que as suas pétalas brancas  
«Jazem dispersas no chão.

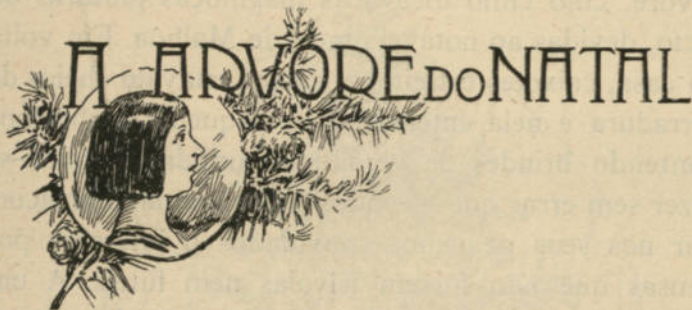


... O pior é sempre o homem... (Pag. 56)

«E sem dar valor aos actos,  
«Que praticas loucamente,  
«Depois de a ter apanhado  
«E' que pensas se ela sente.

«Para a outra vez, pequena,  
«Não procedas sem pensar,  
«Para nem tu nem os outros  
«Te poderem censurar.»





## IX

Era a festa esperada com grande ansiedade. Todas as crianças, que visitavam os filhos da condessa de [Dornelas, tinham sido convidadas para a árvore do Natal, seguida de missa da meia noite e ceia. As mães, que gostam que seus filhos tenham uma vida metódica, estavam furiosas com aquele convite. Foi rara a casa em que êle não deu motivo a lágrimas e pedidos por parte dos filhos, e a recusas e contrariedade dos pais. Passada, porém, a primeira impressão, estes últimos, atendendo a que *era uma vez sem exemplo*, acabaram por consentir, e nem um só dos convidados deixou de concorrer á festa do palácio Dornelas.

Ao centro da vasta sala de baile erguia-se um enorme pinheiro, iluminado por lâmpadas eléctricas de várias côres e com a fôrma de túlipas. Brinquedos formosíssimos e ricos enfeitavam todos os galhos da árvore, cujo cimo tocava as magníficas pinturas do tecto, devidas ao notavel pincel de Malhõa. Em volta da casa, caixotes estreitos e longos estavam cheios de serradura e nela enterravam-se pequenos embrulhos contendo brindes de verdadeira utilidade. Podia-se dizer sem errar que a condessa quizera também acordar nos seus pequenos convidados o interesse por cousas que não fõssem frívolas nem fúteis. A um canto da casa estava colocado um esplêndido piano de cauda, e a longa série de salas, que ocupava todo o andar nobre do palácio, estava linda e profusamente ornamentada de luzes e flôres.

A's dez horas, começaram a chegar as crianças. Vinham todas vestidas de branco, como pedia o convite, e, alegres, risonhas, e entusiasmadas com a esperança de que lhes sahissem os prêmios, que lhes pareciam maravilhas encantadas. Os filhos da dona da casa eram tres: um rapaz que se chamava Álvaro e duas meninas, Luiza e Elvira. Todos muito bonitos e bem vestidos, os tres pequenos recebiam os seus convidados á porta da primeira sala com grandes demonstrações de affecto. Quando a última criança chegou, a satisfação atingiu o auge. Ia dar-se princípio á festa, dansando e cantando modas populares. Quando se dansava o *Vira*, notou Luiza que um dos reposteiri-

ros da sala se agitava, e a cabecita loira da filha da criada da cozinha espreitava a mêdo e com olhos deslumbrados o espectáculo da festa, que lhe parecia di-



Ao centro da vasta sala de baile... (Pag. 60)

vino. Nisto, um braço rude puxou-a violentamente, e um soluço sufocado fez-se ouvir. O reposteiro recaiu ondulando naturalmente. Luiza compreendeu tudo. O seu coração confrangeu-se de piedade e, abando-

nando a sala precipitadamente, correu após a pequenita. O criado de mesa levava-a debaixo do braço, tapando-lhe a bôca com a mão, para que a não ouvissem chorar.

— O que é isso, João? perguntou Luiza franzindo a testa com descontentamento.

— E' a pequenad a cozinheira que veio espreitar a festa e já ia quasi sendo vista da sala.

— Ponha-a no chão.

— E se a senhora condessa depois me ralhar?

— Não ralha. Diga que fui eu que mandei.

O criado obedeceu contrariado. Luiza tomou pela mão a pequena, ainda soluçante, e entrou com ela no seu quarto. Tocou a campainha e, enquanto a criada não acudia ao chamamento, enxugava as lágrimas á pequena, consolando-a com promessas:

— Não te aflijas que também has de ir á festa e têr bonecos. Não chores.

— A menina chamou? perguntou a criada assoando á porta.

— Chamei. Traga o meu vestido branco de ha dois anos, que está no armário lá em cima, assim como os sapatinhos e e as meias.

— Mas...

— Foi a mamã que mandou.

— Ah! se a senhora condessa é que deu ordem...

E, sem mesmo concluir o que ia a dizer, Ermelinda precipitou-se para ir buscar os objectos pedidos.



Luiza pôz a sua pequena protegida em frente do espelho e penteou-a artisticamente, aproveitando-lhe o anelado natural dos cabelos para lhe fazer longos caracóis, que prendeu com um vistoso laço de



— E se a senhora condessa depois me ralhar? (Pag. 62)

setim branco. Ermelinda vestiu-lhe o vestido e calçou-a.

Quando a pequena Eugénia estava pronta, disse-lhe:

— Vê-te ao espelho. Estão lá dentro muitas meninas bem mais feias e pior vestidas do que tu. Vem. Pegou-lhe pela mão e levou-a para a sala.

Entrou com ela, sem que ninguém fizesse reparo e misturaram-se na danç. a Julgava Luiza que todos tinham o seu bom coração, mas enganou-se. Álvaro, atentando em Eugénia, reconheceu-a e, num assomo de orgulho, denunciou-a aos companheiros como filha da cozinheira. A maioria das crianças está, geralmente, sempre disposta a fazer maldades. Ao dito de Álvaro «Não brinquemos com ela» desviaram-se todos de Eugénia, que ficaria isolada no meio da sala se a bôa Luiza, passando-lhe o braço em volta da cintura, lhe não dissesse sorridente:

— Anda vêr a árvore ao pé. Tem bonecos muito bonitos.

Eugénia, apesar de ser pobrezinha, tinha sensibilidade e inteligência. Compreendeu perfeitamente que não queriam brincar com ela e, em vez de se dirigir com Luiza para junto da árvore, disse-lhe, comovida:

— Agradeço-lhe, minha menina, a caridade que me quiz fazer. Não a esquecerei. Aprendi quanto vale a bondade, e também a conhecer que ninguém, se quer estar contente, deve sair do seu lugar. E' o modo de se não sentir mal, nem colocar mal os que nos querem bem.

E, beijando a mão da pequena Luiza, saiu da sala com passo firme e cabeça alta.

As crianças, que se haviam revoltado com Álvaro, sentiram-se envergonhadas e, como esta scena, apesar de rápida, produzisse um certo borborinho, a con-

dessa de Dornelas veio informar-se pessoalmente do que o tinha motivado.

Álvaro, mal consigo, mas procurando demonstrar que tinha razão, contou a verdade.

A mãe, tendo-o escutado com atenção, volveu-lhe :

— Todos merecem ser repreendidos : a Luiza por ter tomado uma resolução sem me consultar, a pequena por ter subido ás salas sem licença, e tu porque deste prova do orgulho de mais baixa espécie recusando-te a brincar com a pobrezinha. Ela já foi castigada reconhecendo na sua própria consciência que não era aqui o seu lugar ; tua irmã também, vendo o mau resultado dos seus esforços e falta de atenção para comigo : só tu é que estás impune, o que não pode nem deve ser. Como hoje se soleniza o Natal e Jesus disse que *todos somos iguais*, não devemos desmentir as suas palavras por actos de soberba. Êstes meninos serão todos bastante bons para aceitar a companhia de Eugénia, e tu vais buscá-la á cozinha e pedir-lhe ali humildemente perdão do desgosto que lhe causaste. Só com o seu perdão consentirei que continues a tomar parte na festa.

Muito vexado, com as lágrimas nos olhos e o rubor nas faces, Álvaro foi desempenhar-se da missão de que sua mãe o encarregára. Não foi fácil, porque a pequena Eugénia, muito maguada, estava pronta a perdoar, mas não queria voltar á festa. Vendo, porém, que Álvaro não seria perdoado se ela não cedesse ao seu pedido, enxugou os olhos ainda lacrimosos e,

dando-lhe a mão, subiu com êle ao andar superior.

As crianças, variáveis como o vento no seu modo de sentir, estavam compungidas do que tinham feito e, em pequenos grupos, espalhados pela vasta sala, discutiam se Eugénia voltaria ou não. Luíza, ansiosa, espreitava pela porta do fundo. Por fim exclamou :

— Lá vem êles.

Os pequenos abriram alas e saudaram o aparecimento de Álvaro e de Eugénia com uma prolongada salva de palmas.

Estava de novo estabelecida a boa harmonia e, para o demonstrarem, as dansas e os risos sucederam-se ininterruptamente.

Às onze horas, começou a distribuição dos prêmios, tirados á sorte. Depois, quando a árvore já estava depenada, fôram as comidas nos caixotes. Formavam-se as crianças em duas fileiras, costas com costas, e, ao dar do terceiro signal, corriam para os caixotes e, enterrando as mãos na serradura, tiravam os embrulhos que achavam : um para cada mão. Muitas exclamações de alegria e também algumas decepções. Nem a todos saíu aquilo em que tinham posto o fito. ¿ Mas que lhe haviam de fazer? A sorte é sempre caprichosa.

Seguiu-se depois a missa. Eugénia, que nunca tinha assistido a esta solenidade e que lhe ouvira sempre chamar missa do galo, estava persuadida de que na capela appareceria um galo, que entoaria com gran-

de satisfação, e por três vezes, um sonoro cócoróco. Quando viu que a missa era como todas as outras a que ela tinha assistido, ficou desapontada.



Álvaro e Eugénia (Pag. 66)

Era uma e meia da madrugada quando começou a ceia, e rompia a manhã quando todos regressaram a casa.

A Eugénia saíram-lhe prémios lindos na árvore de Natal, assistiu á missa no melhor lugar, e, na ceia,

serviram-na dos mais delicados acepipes, tudo isto atendendo a que no Evangelho está escrito que os *primeiros serão os ultimos*; mas ela estava triste, muito triste. Quando, á despedida, os filhos da condessa lhe disseram: «Para o ano brincarás outra vez connosco» ela agradeceu penhorada, mas fez logo tenção de não aceitar.

— E porquê? perguntou a mãe a quem ela contava, enquanto se despia, as impressões da festa.

— Porque não quero tornar a ter o desgosto que tive êste ano.

— Isso não é natural; depois da senhora condessa ter ralhado. . .

— Pois sim, minha mãe, pois sim; mas pode dar-se, e, se se não der, posso eu esquecer e os anos irem passando. Então ha de chegar um em que me acharão muito grande para me sentar á mesa dos senhores. Prefiro retirar-me eu a que me mandem embora.

— Lá nisso tens razão.

No ano seguinte, Eugénia foi expressamente convidada pela condessa. Agradeceu muito, mas, com grande pasmo de todos, não apareceu. Tinha-se ausentado do palácio para casa da avó. No dia seguinte voltou ao palácio e encontrou os prémios do Natal e um bonito vestido que a condessa lhe oferecera para assistir á festa. Foi muito louvada pelo seu bom juizo.

Daí em diante, todos os anos, ia vêr a sala antes de chegarem os convidados. No dia seguinte Luíza entregava-lhe os prémios como se ela tivesse assisti-

do, e um lindo vestido que ela achava sempre bom demais para a sua situação tão modesta. Eugénia cresceu e tornou se uma linda mulher. Casou e teve filhos. Quando êles se queriam dar ares de senhores, conta-lhes a história da árvore de Natal, terminando por lhes afirmar :

— Não queiram nunca saír do lugar que têm. Quem quer subir depressa, cái e faz triste figura. Para ter presunção é preciso arranjar de quê.

E muitas outras cousas em que êles tomavam conta, mas... não seguiam, porque, apesar de bons rapazes, não tinham nem a inteligência da mãe nem o seu delicado sentir.







# OVOS DE D. Eufrásia



## X

Junto da porta de casa,  
O pequenino João,  
Como não tem companheiros,  
Joga o eixo co'o seu cão.

Dona Eufrásia, da janela,  
Gritou-lhe: — Escute, rapaz;  
Se vir a mulher dos ovos,  
Pergunte-lhe a como os traz.

— Sim, senhora, respondeu  
O João, sempre a saltar.  
Já são perto de três horas,  
Deve estar quasi a passar.

Realmente, dentro em pouco,  
Soltando um belo pregão,  
Voltava a esquina a saloia  
E punha a giga no chão.

João correu junto dela  
E, pressuroso, indagou:  
— A como é a dúzia de ovos?  
— O mesmo que hontem pagou.

Subiu a escada correndo  
E foi dizer á vizinha:  
— São a oito e meio os ovos.  
— E não traz uma galinha?

— Traz galinhas e franguinhos,  
Mas não veem no cabaz.  
— Vamos então ajustá-los.  
Desce adiante, rapaz.

Dona Eufrásia fez as compras  
E, estendendo o avental,  
Os ovos recebeu nêle.  
— Dê-me aqui o animal.

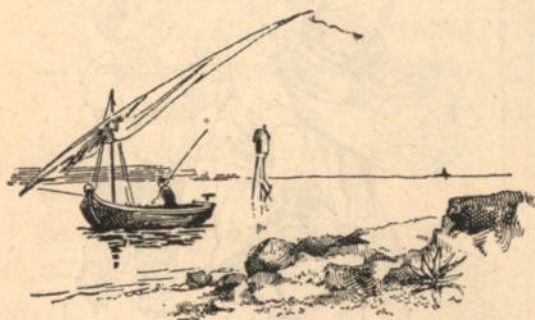
E, co'a mão esquerda, pegou  
Pelas azas na galinha.  
João, que era endiabrado,  
Fez uma peça á vizinha.



Desatou-lhe o avental

Desatou-lhe o avental  
Caíndo os ovos no chão.  
Grita a vizinha zangada  
E cóme os ovos o cão.

O João fugiu correndo  
Mas, quando á noite voltou,  
Teve uma sova tremenda  
Que lhe aplicou seu avô.



# A protegida da morte

A decorative illustration featuring a globe in the background, with several books and papers in the foreground, partially overlapping the globe. The style is a fine-line engraving or woodcut.

## XI

Alfreda corria pela casa fazendo uma bulha ensurdecidora. Seu pai, abrindo a porta do corredor, ameaçou:

— Se torno a ouvir tais correrias, castigo-te.

Miss Mary, que era uma professora inglesa encarregada da educação de Alfreda, ouviu no seu quarto a voz zangada do pai e, como era muito amiga da discípula, chamou-a imediatamente.

— ¿ Para que anda a correr? ¿ Não podia estar sentada a lêr histórias.?

— Podia, se gostasse das que tenho; mas não gosto. Só tenho os livros da Maria O'Neill e esses não me agradam.

— ¿ E porque é que não lhe agradam, faz favôr de me dizer?

— Porque só conta cousas possíveis de acontecer e isso aborrece-me.

— ¿ Então o que queria que ela contasse ?

— ¡ Eu sei lá ! Histórias de fadas, de duendes, cousas maravilhosas.

— Mas isso é prejudicial ás crianças. Habitua-lhes a imaginação a sonhos irrealizáveis e prepara-as muito mal para a vida.

— Não digo que não. A *miss* sabe melhor disso do que eu. O que lhe afirmo é que, agora, o único meio de eu estar muito quieta era ouvir uma das tais histórias que me não querem contar.

A inglêsa, mortificada, voltou-lhe:

— Há um meio muito menos agradável de a fazer estar quieta: é deixar o seu pai executar a ameaça que lhe fez.

— ¡ Oh ! A *miss* tem muito bom coração para preferir esse meio.

Mau grado seu a inglêsa sorriu.

— ¿ Vê como acertei ?

— Vejo que a menina é muito má e eu não tenho grande geito para a tornar bôa; é o que vejo.

— Conte-me uma história de fadas... peço... só por esta vez...

— Emfim, vá lá. Mas com a condição de que nunca mais ha de fazer bulha, quando seu pai estiver em casa. ¿ Promete ?

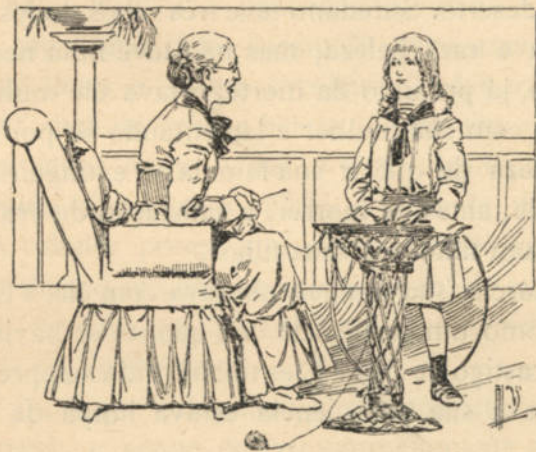
— Prometo, respondeu Alfreda abraçando-a e beijando-a com louco transporte.

Então esteja socegada e sente-se ali, disse a bôa miss, indicando-lhe uma pequena cadeira junto do fogão.

Alfreda obedeceu prontamente.

A inglêsa começou:

— Num país que já não existe, chamado Surindana, erguiam-se altas montanhas, cujos cumes se su-



... faz favôr de me dizer? (Pag. 75)

miam nas nuvens. Nos seus vales abundavam cerradas florestas habitadas por animais ferozes. Pouco povoada, a Surindana tinha longos espaços de terreno onde não se avistava viv'alma. Contudo o povo que a habitava era muito considerado pela grande valentia dos seus guerreiros, cujos feitos de armas se contavam em todo o mundo com aplauso e admiração.

«Dizia a história que, depois do dilúvio universal, um outro homem, que com sua mulher se salvara dêle pelo mesmo processo empregado por Noé, viera numa barca pousar na mais alta de todas as montanhas. Aí edificára uma casa e lá haviam nascido os primeiros homens que tomaram o nome de Surindanos, que é uma corruptela do Suredano, nome dêste patriarca desconhecido que viera, por graça de Deus, povoar aquele deserto. Suredano teve três filhos, todos de alta estatura e rara beleza, mas não teve filha nenhuma. Um dia, já próximo da morte, estava êle muito triste falando com sua mulher e lamentando-se por morrer na certeza de que a sua familia se extinguiria, e êle não teria, antes de morrer, a satisfação de erguer nos braços um filho dos seus filhos.

«Márcia, sua mulher, chorava com êle, e considerava como um castigo do ceu quanto se havia dado. Mas castigo de quê? Êles tinham sido sempre bons e justos e a sua consciência estava limpa de toda a falta.

«— Altos mistérios de Deus, disse por fim Suredano. Que a sua vontade seja feita e não a nossa.

«— Ámen, respondeu resignada a mulher.

«Caíram num longo silêncio. Os filhos tinham ido á caça e os pobres velhos entregavam-se ás recordações do passado para esquecerem as misérias do presente.

«Uma voz potente, que ressoou aos ouvidos de Suredano, fê-lo estremecer de horror.



«Márcia, muito pálida, caiu de joelhos pondo as mãos.

«Uma mulher alta, de estranha beleza, vestida com uma túnica azul recamada de estrelas de ouro, baixára do ceu sobre nuvens espessas de alvura immaculada e dissera ao velho :

«— Suredano, tu viverás ainda o preciso para vêr os filhos dos teus filhos. Eis as tuas noras.

«E bateu três fortes pancadas no chão.

«A cada uma delas surgiu da terra uma mulher nova, de loura e sedosa cabeleira. Todas três eram formosas, mas de diversa beleza. A primeira era loira, tinha os olhos muito azuis, o rosto côrado, e vestia um vestido côr de rosa pálida. A segunda, trigueira, com os cabelos pretos e os olhos castanhos, trajava de vermelho. A terceira possuía farto cabelo castanho, os olhos verdes, era d'uma alvura que parecia marfim, e vestia de branco.

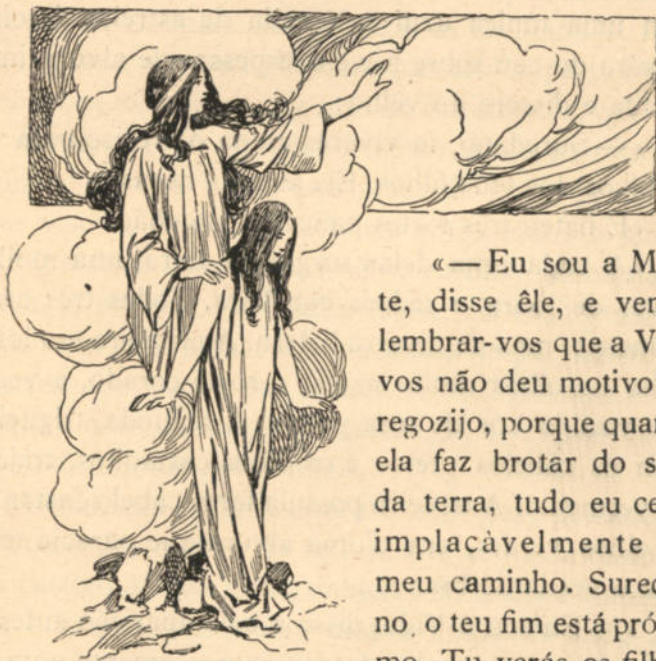
«— Eu sou a Vida, disse a bela aparição antes de desaparecer, e venho do ceu expressamente enviada para que a Surindana, povoada por justos, se torne um dos mais poderosos povos da terra. Deus seja convosco.

«E, dizendo estas palavras, desapareceu aos olhos dos dois velhos atónitos.

«Ainda êles não tinham tido tempo de voltarem a si do espanto sentido, quando ecoou um trovão e surgiu da terra um vulto horrendo.

«Era um esqueleto, despido de carne, envolto

numa túnica negra semeada de estrelas, com longas azas nas costas e tendo na mão uma foice.



... de loura e sedosa cabeleira  
(Pag. 79)

«— Eu sou a Mor-  
te, disse êle, e venho  
lembrar-vos que a Vida  
vos não deu motivo de  
regozijo, porque quanto  
ela faz brotar do seio  
da terra, tudo eu ceifo  
implacavelmente no  
meu caminho. Sureda-  
no, o teu fim está próxi-  
mo. Tu verás os filhos  
dos teus filhos, mas não  
verás os teus bisnetos.

«Márcia abraçou-se, chorando, ao marido, e aquê-  
dia, que podia ter sido de alegria, foi de lágrimas para  
os dois velhos.

## II

«Era já quasi noite quando os filhos do velho Suredano voltaram da caça, tendo morto um tigre real.

«Seus pais fôram esperá-los a meio caminho e Suredano, mal chegou a casa, entregou a Bravo, seu filho mais velho, a linda Dora, dizendo-lhe:

«— Aqui tens tua mulher.

«Deslumbrado pela beleza da loira criatura, o primogénito do velho Suredano nem quiz saber como aquela linda mulher viera ali.

Os outros dois filhos olhavam-no mal assombrados, mas o ancião presentindo o seu descontentamento, foi buscar Luna e Alva e disse-lhes:

«— A felicidade não vos esqueceu. Aqui tendes as vossas esposas.

«Muito satisfeito, Ágil pegou na mão da trigueira Luna, mas Fero, o mais novo dos três, repudiou Alva, dizendo com brutalidade:

«— Não quero esta.

«Suredano, aflito, respondeu-lhe:

«— ; Mas é aquela que a Providência te destina!... Alva chorava envergonhada.

«— Bem me importa a mim com isso. A que eu quero é esta.

«E avançou de mão erguida para Dora que, assustada, se refugiou no seio do esposo.

«Fero atirou-se ao irmão. Mas o velho Suredano, intervindo, apontou com severidade a porta ao seu filho mais novo, dizendo-lhe :

«— Quem não respeita os desígnios de Deus, não pode sentar-se á mesa de seu pai.

«Desobediente, Fero safu, atirando com a porta e jurando vingar-se,

«Um ano depois, Suredano, muito doente, estava estendido sobre um leito de ervas odoríferas, e presentia, pelo terrível frio que dêle se assenhoriava, que a morte se aproximava a passos largos.

«Suas nóras, sentadas junto dêle, estendiam-lhe os seus filhinhos para que êle os abençoasse, e Marcia e Alva choravam compungidas ante o desenlace inevitável.

«A Morte chegou e, sentando-se junto do velho, disse-lhe ironicamente :

«— Eu bem te disse que não estarias muito tempo livre de mim.

« Márcia, num desespero imenso, abraçou-se ao marido para o reter, mas eram vãos os seus esforços. Êle seguia, mau grado seu, a imagem da Morte que sorria cruelmente.

«Então Alva, por um generoso impulso, lançou-se de joelhos no caminho da Morte e, pegando nos ossos descarnados da sua mão direita, implorou :

«— Deixa-o ficar e leva-me em lugar dêle. Eu não faço falta a ninguém. Não tenho marido nem filhos, nem nada que me prenda á vida, e vejo diante de

mim uma existência longa a percorrer. Deixa-o ficar mais quinze anos e ganhas todos aquêles que eu estava reservada a viver.

«— Aceito, disse a Morte largando o braço do velho. Convem-me a troca.

«E voltando-se para a família, que chorava, a Morte disse:

«— E' das almas puras, como esta, que Deus faz os seus anjos.

«Nisto, abriu-se a porta e Fero, aparecendo no limiar, disse a seu pai:

«— Dá-me a minha esposa.

Suredano estremeceu.

«— E' tarde, volveu-lhe a Morte. Ela acaba de fazer um contrato comigo que já não pode quebrar.

«Alva, que gostava do marido apesar da sua maldade, olhou-o com olhos enevoados de lágrimas, dizendo á Morte:

«— Vamos depressa, visto que tem de ser.

«A Morte tomou-a pela mão e saiu com ela sem que ninguém ousasse retê-la. Mas Fero, dotado dum carácter selvágem, lançou-se sôbre o seu corpo descarnado, tentando subjugá-la.

«Ela pousou-lhe um dedo na testa e Fero caiu de joelhos.

«Então a Morte, num tom plácido e frio, afirmou-lhe:

«— E' das almas como a tua que se fazem os réprobos.

«E desapareceu levando a sua prêsa.

«Desvairado, Fero seguiu-a por montes e vales até que, extenuado, caiu no caminho, onde adormeceu. Quando acordou, viu-se com pasmo ao abrigo duma rocha, deitado numa cama improvisada com fetos e tendo sentada junto dêle uma enorme macaca que lhe velava o sono com disvelo. Vendo-o abrir os olhos, correu a buscar bananas e outros frutos e serviu-lhos com um cuidado verdadeiramente feminil. Reconhecido por tantos disvelos, Fero casou com a macaca e teve muitos filhos. Era uma raça feia, muito semelhante á preta, mas com muito piores feições.

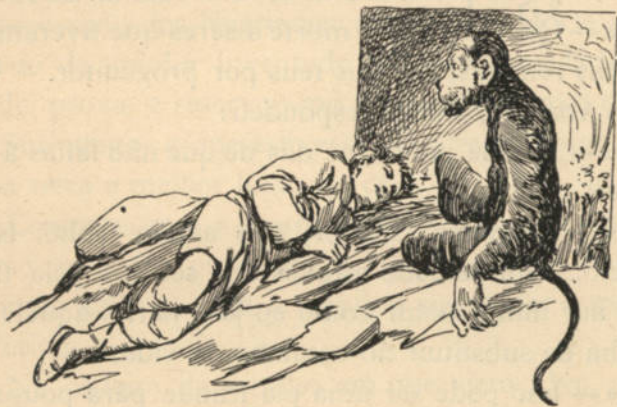
«Não quiz casar com a linda Alva e tornou-se marido da macaca a quem deu o nome de Negrinda, nome que ela transmitiu a toda a sua geração.

### III

«Um dia, muitos séculos depois, estava a tribu dos Negrindos preparando-se para almoçar, quando lhe pareceu ouvir ao longe um som estranho. Nunca aquêle povo ouvira o toque de cornetas. Sobressaltado, correu a pegar nas suas armas e emboscou-se atrás das moitas de arbustos. Os sons avizinhavam-se e por fim ouvia-se distintamente o tropear de cavalos. Den-

tro em pouco, um grande regimento em ordem de marcha passava ante os olhos deslumbrados dos Negrindos. Eram alguns Surindanos que, na necessidade de estenderem os seus domínios, andavam reconhecendo o terreno.

«Ferino, o chefe dos Negrindos, deu ordem aos seus homens para seguirem de perto os Surindanos e, quando os viu acampar, propoz-lhes assaltar os Surindanos durante o sono.



... que lhe velava o somno... (Pag. 84)

«Êstes, apesar de julgarem o país desabitado, tinham postado sentinelas em volta do acampamento e, mal os Negrindos soltaram o seu grito de guerra, encontraram-se em frente dum bando de temiveis guerreiros que os sujeitaram sem custo. Altivo, o chefe dos Surindanos tinha já dado ordem para matar Ferino, quando Positivo, o adivinho dos Negrindos, lhe

mandou pedir que suspendesse a execução até êle o pôr ao facto dos mistérios da sua tribo.

«Sempre generoso e ponderado, Altivo acedeu.

«Nessa noite, sentado sobre ricos coxins doirados, na sua tenda forrada de veludo e rodeado por todos os grandes da sua côrte, Altivo escutava atentamente a narração do adivinho.

«Quando êle acabou de falar, perguntou-lhe com rudeza :

«— ¿ Que pretendes tu de mim com tal narrativa?

«— Que não dês a morte a sêres que tiveram, em épocas remotas, um dos teus por progenitor.

«Abalado, Altivo respondeu :

«— ¿ E que prova me dás de que não faltas á verdade?

«— Nenhuma, senhor, que a não tenho. Isto é exacto. Tem passado através dos séculos pela tradição até mim, assim como eu já o narrei áquele que me ha de substituir no caminho da vida.

«— Isso pode ser uma pia fraude para pouparem o seu chefe á morte imediata.

«— Não é, senhor, não é. Eu morra nêste instante, se quanto disse não é exacto.

«Pouco supersticioso, não acreditando facilmente em palavras, Altivo, recobrando toda a sua lucidez e energia, deu ordem para que decepassem a cabeça de Ferino.

«Fôram buscar o chefe dos Negrindos para de frente da tenda do seu vencedor.



«Já o machado vibrava violentamente no ar, quando a terra tremeu, o ceu entreabriu-se deixando cair sobre o acampamento jorros de luz intensa e, sobre uma cadeira feita de estrelas, apareceu Alva toda vestida de luz.

«Era ainda mais bonita e parecia mais nova do que no dia em que a Morte a levára da terra. Ergueu-se da cadeira e, caminhando sobre nuvens de prata, dirigiu-se a Altivo, afirmando:

«— Disseram-te verdade. Eu sou Alva, aquela que o antepassado dos Negrindos enjeitou. A Morte condeu-se da minha juventude pela generosidade de que dei prova, e reservou-me para casar com o chefe dos Surindanos a que estivesse reservada maior glória na terra e melhor lugar no ceu.

«Contente com a inesperada solução, que era ao mesmo tempo um presságio de ventura, Altivo deu lugar junto dêle a Alva e mandou suspender a morte de Ferino.

«Na cadeira de estrelas em que viera Alva, apareceu sentado o horrível esqueleto da Morte, que ria a perder das ordens dadas por Altivo. Enquanto a cadeira se elevava lentamente nos ares, curvando-se o hediondo esqueleto para a terra, dizia a Altivo em tom sarcástico:

«— As tuas ordens só são executadas quando eu o consinto, vaidoso vérme da terra, que julgas ter direito de vida e de morte sobre o teu semelhante.

«Alva e Altivo fôram muito felizes.

«Tiveram muitos filhos e a Morte, como tinha em grande aprêço a generosidade e altruísmo de Alva, deixou-os viver muitos anos e só os levou quando êles, aborrecidos da vida, quizeram morrer.





## XII

— Venha vêr, mamã, peço eu.  
; Olhe como isto é bonito!—  
E para a porta da sala  
Aponta o dedo Pepito.

— ; Veja que côres tão lindas  
O cristal reflecte aqui!  
; Como é que faz estas côres  
Se êle é tão branco de si?—

A mãe, sorrindo, responde:  
— A luz que nos alumia  
Compõe-se de sete côres,  
Como te disse outro dia.

«Qualquer prisma, separando-as,  
«Torna-as a todas visíveis  
«E faz brilhar a teus olhos  
«Efeitos que achas incríveis.

«As gotas d'água, por vezes,  
«Se a luz do sol as trespassa,  
«São um prisma natural.»  
— ; Isso tem imensa graça!

— E o arco Iris, que vês  
Tão belamente traçado,  
E', pelas gotas de chuva,  
No azul do ceu projectado. —

Pepito ouviu muito atento  
E, quando seu pai chegou,  
Tudo que a mãe lhe dissera  
Por sua vez lhe contou.

Contente por vêr seu filho  
Perceber tudo tão bem,  
O pai meteu-lhe no bolso  
Uma moeda de vintêm.

— ; E' tão pouco!... disse a mãe.  
— Quero vêr como êle o gasta.  
Se bem, dou-lhe muito mais ;  
Se mal, esse pouco basta.

Nisto, bateram á porta.  
Era um pequeno a pedir.  
Pepito deu-lhe o vintêm,  
Alegre por lhe acudir.



Um menino tinha fome... (Pag. 92)

A' noite, o pai perguntou-lhe :  
— Em que gastaste o vintêm ?  
— Em coisa nenhuma, pai...  
Empreguei-o muito bem.

• Um menino tinha fome,  
Eu mandei-o comprar pão.  
Para outra vez mostrarei  
Se sei gastar ou se não.

— ;Em quê?

— Num prisma bonito,  
Para ao recreio mostrar  
A todos os meus colegas  
Que também sei ensinar.

— Terás o prisma que pedes  
E dou-te mais um tostão.

— Que guardo e darei de esmola  
A quem vir em precisão.

Meninos, como Pepito,  
Valorizai o dinheiro  
Suavizando as misérias  
Que abundam no mundo inteiro.



# A Conferência de Carlinhos



## XIII

Carlinhos era um estudante do liceu que pouco mais contava de 12 anos. Educado por seus pais no amor do estudo, admirando instintivamente tudo quanto era nobre e grande, não levava á paciência as conversas que ouvia entre os seus condiscípulos ácerca da guerra Europeia.

As crianças repetem, geralmente, o que ouvem, e daqui as opiniões que, ás horas do recreio, feriam desagradavelmente os seus ouvidos. Quando regressava á casa, sobraçando os livros, Carlinhos pensava :

— ¿A que será devida esta falta de patriotismo?  
¿Porque é que a maioria dos meus companheiros não quer que se vá para a guerra? E' porque não sabem, não conhecem bem as obrigações dum verdadeiro patriota. ¿E... se eu lhes fizesse uma conferência? O meu pai costuma ir fazer conferências aos centros políticos para levar a razão e a verdade áqueles que estão mergulhados nas trevas da ignorância. Ora eu, que, como o meu pai, vejo com mais clareza do que os meus condiscípulos, devo também procurar levar a verdade ao seu entendimento pouco esclarecido. Vou fazer-lhes uma conferência.

E meditando neste importante caso ficou todo o tempo que lhe sobrou depois de estudar as lições.

Ao jantar o pai perguntou-lhe:

— ¿Que tens tu, Carlinhos, que estás tão pensativo?

— Estou pouco contente, meu pai, com as ideas que vejo nos meus condiscípulos e estou pensando em fazer uma conferência na qual lhes faça vêr os deveres e obrigações de todo o bom patriota.

O pai desatou a rir, mas acabou por lhe dizer a sério que êle não tinha idade de ensinar e sim de aprender; que se ocupasse dos seus estudos, de que tinha obrigação de dar bôa conta, e deixasse de pensar nos outros com os quais nada tinha.

Carlinhos ouviu em silêncio a leve reprimenda do paê, mas não se conformou com ela. Era, por índole e hábito, um rapaz metódico. Por isso, depois do pas-



seio que costumava dar a seguir ás refeições, veio sentar-se á banca do estudo e preparou as lições do dia seguinte. Quando terminou, pousou em frente de



... apoiando-se nela como numa tribuna (Pag. 96)...

si uma grande fôlha de papel branco e escreveu-lhe no cimo, em letras grandes e bem nítidas:

«Meus senhores:

«¿Sois Portugêses? Todos me direis que sim.

«para honra e glória vossa e proveito da terra que  
«vos viu nascer.

Passou a mão pela testa, descansou a pena, e meditou um instante. Depois escreveu de novo :

«; O que é ser português? E' ter nascido em terras de Portugal e de pais portugueses.

— Isto agora, disse êle tornando a lêr o que escrevera, não me parece que valesse a pena explicar... qualquer o sabe... está naturalmente indicado.

E voltou a escrever :

«; Quais são os deveres de todo o bom português?

«Procurar desenvolver-se fisicamente para ter fôrça e valentia de defender a sua terra, sempre que ela o precise, e espiritualmente, para, pelos seus estudos e trabalhos, poder concorrer para o seu engrandecimento intelectual ou industrial. Tendo-se feito isto, meus senhores, não se pode ter a consciência de que se fez pela Pátria tudo que se deve. E' preciso mais, muito mais.

Desta vez levantou-se, poz-se por detrás da cadeira em que estivera sentado e, apoiando-se nela como numa tribuna, gesticulou, dirigindo-se a uma assembléa imaginária :

«Meus senhores, a nossa obrigação de patriotas é pôr o bem da Nação adiante do nosso bem pessoal, esconder as suas misérias, se as tem, e procurar diminuir-las em tudo que estiver ao nosso alcance. Comprar de preferênciã tudo que fôr nacional, e procurar acreditar no estrangeiro as nossas industrias e os nos-

«... sos artistas. Fazer uma propaganda entusiástica das belezas do nosso país e encarecer e valorizar sistematicamente tudo quanto se apresenta ao mundo sob o nome português. As nações incontestavelmente grandes, foi assim, levadas pela fôrça do patriotismo individual, que se impuzeram ao mundo e conseguiram disfrutar o respeito e admiração de todas as outras nações.»

Enlevado pela facilidade com que expunha as suas ideias e pelo entusiasmo que elas lhe despertavam, Carlinhos ergueu muito a voz, continuando o seu discurso com tal calor, como se tivesse a escutá-lo todos os seus companheiros de turma. Quando terminou pela frase sacramental «Tenho dito» como mais duma vez ouvira terminar os discursos a que assistira, ficou surpreendido ouvindo estalar uma salva de palmas e vendo á porta do quarto seus pais e avós, que o saudavam com sincero entusiasmo. Como sucede a todos os oradores que têm o favôr do público, Carlinhos foi muito abraçado.

Realmente, oito dias depois, ás horas do último recreio, Carlinhos fazia aos seus condiscípulos a premeditada conferência e era alvo duma manifestação muito maior do que aquela que recebeu no seu primeiro ensaio. Outras conferências se seguiram á sua, feitas por outros rapazes que desejaram mostrar que sabiam pensar e expôr com clareza as suas ideias, mas nenhuma teve o êxito que a primeira obteve.

E' que o amor da Pátria é inato em todos os co-

rações. Pode estar adormecido nêles, mas basta uma palavra, um gesto, para o acordar com violência e entusiasmo. Carlinhos teve o prazer de vêr que as suas palavras não fôram perdidas. Todos os seus condiscípulos preferiam os produtos nacionais aos estrangeiros e diziam com um natural orgulho, que a êle muito o envaidecia, lembrando-se de que lhe dera origem :

— Mais vale mau e nosso, do que bom sendo alheio.

Fundaram a «Liga dos Interesses Nacionais», pela qual muito se interessam e que, quando fôrem homens, hão de desenvolver com todos os recursos da sua inteligência, do seu amor e do seu trabalho.

Se em todas as escolas houvesse um Carlinhos, as gerações do porvir seriam uma garantia de segurança e prosperidade para a terra sagrada da Pátria.





XIV

Bento, fazendo de mestre,  
Trazendo um jornal na mão,  
Vem sentar-se junto á mesa,  
Onde estuda seu irmão.

— Olha, diz êle importante,

Que número é êste aqui?

— Oitenta e nove, porquê?

— E' árabe ou não, Gigi?

— E'. — Pois estás enganado.

— Disse-o o nosso professor.

— Deixa-o dizer; não é tal:

Eu sei mais que esse senhor.

E, apurando-se com ênfase :  
— Vem aqui, neste jornal,  
Que são Indianos. Afirmá-o  
Um sábio oriental.

« Por Leonardo de Pisa  
« Para a Europa trazidos,  
« Foram por todos os povos  
« Prontamente conhecidos. »

Gigi ouvia-o, pasmado,  
Mas sem ousar contestar.  
Por fim respondeu a medo:  
— Isso nada vem mudar.

« Que importa sejam Indianos ?  
« Em que tem isso importância,  
« Para fazer um discurso  
« Com tanta pompa e jactância ?

« Noto, Bento, que has de ser  
« Um presumido acabado.  
— Porquê ?

— Ignorando tudo,  
« Finges-te em tudo versado.

« Só por ler uma notícia,  
« Que grande estendal fizeste !  
« De quanto pode a vaidade  
« Notável lição me deste. »

Bento sorriu com orgulho,  
E muito ativo volveu:  
— Como tu não tens talento,  
Morres d'inveja do meu.



Só per ler uma notícia (pag. 100)

Gigi calou-se e, prudente,  
Poz-se a estudar a lição,  
E teve no fim do mês  
Melhor nota que o irmão.





# QUEM ENSINA...



## XV

Bernardo Mendes tinha dois filhos, um rapaz e uma menina. Ela era muito bôa e sossegada; êle, muito desinquieto e mau. Ermelinda, a quem todos chamavam Linda, passava a maior parte do tempo a estudar. Roberto escondia de propósito os livros e andava depois á procura dêles para fingir que, se não estudava, era porque não tinha por onde. E tão bem chorava e se lamentava por não saber dos livros, que a mãe, condoída, as primeiras vezes acreditou que realmente algum dos primos ou a irmã lhos tinham escondido; mas depois a scena repetiu-se, foi vista pelo criado de mesa e êste, que a custo sufocava o riso ao assistir á representação que Roberto fazia, viu-se obrigado a confessar, a instâncias da mãe, que era o próprio pequeno que os escondia na casa de

jantar, debaixo dos trinchantes. Roberto foi castigado, mas nem por isso se tornou melhor estudante. Inventava dôres de dentes, acessos de febre, tudo que lhe passava pela cabeça. E tão bom actor era, que, apesar dos pais e dos criados estarem muito prevenidos, nas primeiras vezes que êle ensaiava uma pantomimice, acreditavam nela piamente.

Uma manhã de dezembro, chuvosa e fria, Ermelinda vestia-se rapidamente no empenho de almoçar depressa para ir para o colégio. Quando estava quasi pronta, perguntou á criada:

— O Roberto já está na casa de jantar?

— Não, minha menina. Êle hoje não vai. Diz que está muito doente.

— Sim? Com quê?

— Não sei, mas não me parece que seja verdade.

— E porque?

— Porque o vi ontem combinar com o seu primo João irem brincar na cozinha velha aos carpinteiros.

— Ah! tu ouviste?

— Ouvi, sim, menina.

— Então eu, porque estudo, hei de ir para o colégio trabalhar todo o dia, e êle, que é mandrião, ha de ficar a brincar? Pois isso também eu lhe prometo que não hade succeder.

— Não diga nada á mamã. . . Às vezes pode ser verdade, pediu a criada receosa.

— Não digo. Eu não gosto de acusar ninguém. Mas vou eu própria castiga-lo. Vais vêr. Anda co-

migo depressa, que já são oito horas e não quero chegar tarde ás aulas. Não faças bulha.

Seguida pela sua criada Rosa, Ermelinda foi ao jardim, á casa de jantar, a todos os sitios onde seu



...a maior parte do tempo a estudar. (Pag. 103)

irmão, muito desarranjado, costumava deixar ficar bonecos dispersos. Arrepanhou tudo e, seguida da criada, foi á cozinha velha, onde costumavam brincar, meteu tudo lá dentro, fechou a porta á chave e guardou esta na bolsa dos livros. Depois, pegou numa fôlha de papel branco e escreveu em letras

muito grandes: «Quem está doente para estudar, também tem de o estar para brincar».

E, metendo a fôlha num sobrescrito, disse á criada:

— Quando êle se levantar, procurar pelos bonecos e encontrar a porta da cozinha velha fechada, ha de julgar que foi o papá ou a mamã e vai pedir-lhes que lhe dêem a chave. Tu, então, quando êle estiver junto dêles, vais entregar-lhe esta carta. Repara bem no que se passar para depois mo contares.

E Ermelinda, muito contente com a sua idea, almoçou e foi para a escola.

Roberto comeu na cama e queixava-se de tantas dôres na cabeça, que a mãe, aflita, recomendou-lhe que comêsse pouco, com receio de que tudo lhe fizesse mal.

Êle dizia, num tom muito dolente:

— Mal não pode fazer-me, porque tenho muita fome.

— Nesse caso, disse a criada Rosa intervindo, a doença não pode ser grande.

— ¿Quem sabe?... isto de crianças...

Mais tarde, a mãe, que estava sinceramente apouquentada, falou em chamar o médico.

— Não, não é preciso... eu sinto-me melhor.  
¿Que horas são?

— São duas.

— Se a mãe dêsse licença, levantava-me um bocadinho.

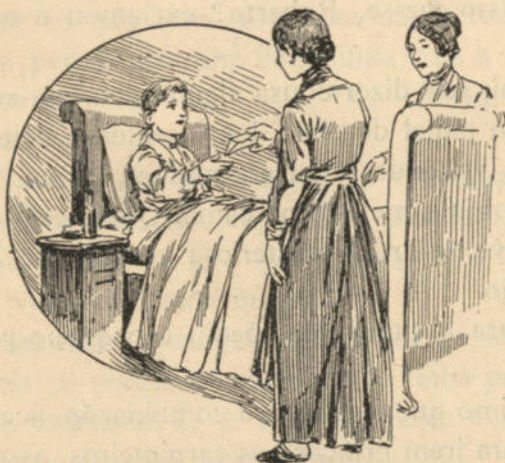
— ¿E se te faz mal?

— Parece que já me não dóe nada.

— Emfim, seja.

Logo que se apanhou vestido, Roberto mandou Rosa buscar os bonecos.

Ela fingiu obedecer e voltou pouco depois, di-



— ¿ Que é isto ? perguntou êle admirado.

zendo não achar nenhum e estar fechada a cozinha velha.

Êle olhou para a mãe com desconfiança e por sua vez esta interrogou o marido, que acabava de entrar.

— ¿ Foste tu, Ricardo ?

Antes que êle respondesse, Rosa entregou a Roberto a carta de Ermelinda.

— ¿ Que é isto ? perguntou êle admirado.

— Abra e leia, menino, volveu a criada com ar

irónico. A pessoa que lhe escreve parece que o conhece melhor do que as outras.

Roberto abriu e leu. Tornou-se muito corado, as lágrimas rebentaram-lhe dos olhos e, n'um ímpeto de raiva irreprimível, amarrotou a carta nas mãos e lançou-a ao chão.

— ¿Isso faz-se, Roberto? exclamou a mãe indignada.

O pai, sem dizer cousa alguma, curvou-se e, apanhando o papel do chão, leu a sentença nêle escrita. Riu-se e, voltando-se para a mulher, disse:

— Torna a metê-lo na cama. Quem está doente é onde deve estar. A misteriosa censora de Roberto tem razão.

— Para a cama não, pediu o pequeno pondo as mãos.

O primo que, segundo a combinação, acabava de entrar para irem brincar aos carpinteiros, associou-se ao pedido, mas nada conseguiram.

Passaram ambos um dia muito estúpido. O primeiro, na cama, e o segundo a vêr bonecos nas Ilustrações Inglezas que abundavam no escritório do tio.

À tarde, quando Ermelinda voltou do colégio, contente pela partida que fizera ao irmão, esperava-a um desgosto.

O pai chamou-a e disse-lhe:

— Andaste mal com o teu irmão fazendo-lhe uma acusação sem assinatura. Uma pessoa que se préza nunca faz uma censura que a não assine. É bom que

não esqueças isto, se não queres desmerecer na minha estima.

Ermelinda chorou rios de lágrimas. O primo João tentou em vão consolá-la.

— Se eu chorasse assim cada vez que o meu pai me ralha, já não tinha olhos.

— Por tu não teres vergonha não é razão para que eu a perca, dizia-lhe Ermelinda com a voz cortada pelos soluços.

E ajuntou, convencida:

— Sabes o que eu te digo? . . . Quem quer ensinar os outros sem ter competência para isso, em vez de ensinar, aprende. É o que me acontece hoje pela segunda vez. Não caírei noutra.

E, realmente, quando daí por diante falavam a Ermelinda na preguiça que o irmão tinha para o estudo, ela calava-se e, se instavam com ela para se pronunciar, córava e murmurava:

— Êle tem os seus defeitos e eu tenho os meus. Não ha ninguêem perfeito.

E a lembrança da sentença anónima, que enviára a seu irmão, pungia-lhe a consciência num remorso exagerado.

E' que as almas boas aumentam sempre as suas faltas, ao passo que diminuem as dos outros involuntariamente.

Assim como Ermelinda não esqueceu a lição, é bom que os meus pequenos leitores se lembrem desta história, para não lamentarem, como ela, ter errado.







XVI

Tenho uma ovelha bonita,  
Que é um novelo de lã.  
Chama por mim *mé! mé! mé!*  
Que eu sou a sua mamã.

Corre comigo na quinta,  
Dá cambalhotas no ar,  
Sabe jogar a esconder,  
E sabe a corda saltar.

Colho frutos, dou-lhe a casca,  
Guardo p'ra mim a maçã.  
Ela pede *mé! mé! mé!*  
Que eu sou a sua mamã.

A' tarde, dá-me leitinho  
Que eu bebo ao ser-lhe mungido,  
E inda é ela que me olha  
Com olhar agradecido.



— Vem Branca. — *Mé! mé!*

Sempre que vou de passeio  
Pela estrada, a Campanhã,  
Digo: — Vem, Branca. — *Mé! mé!*  
Responde á sua mamã.

E, como se fôsse um cão,  
E amiga dedicada,  
Anda solta pela casa,  
Porque é muito bem criada.

Diz o meu pai que não ha  
Uma amizade mais sã.  
Eu percebo o *mé!* *mé!* *mé!*  
Por ser a sua mamã.

E' com um *mé!* que me chama,  
Com um *mé!* que me agradece.  
E' com um *mé!* que se zanga  
E um *mé!* dá quando adormece.

A palavra é sempre a mesma.  
O tom é que tudo faz.  
Sei a lingua das ovelhas,  
Como ninguêm é capaz.

Se murmuro *mé!* *mé!* *mé!*  
Corre. Penteio-lhe a lã. . .  
; Como não há-de entender-me  
Se eu sou a sua mamã?







# Lição ao tio



## XVII

«Paulo de Sá foi um herói. Fez brilhantemente o curso de engenharia civil e deu-se com ardor, desde a mais tenra idade, a todos os exercícios físicos, muito especialmente a frequentar as carreiras de tiro, obtendo o diploma de atirador de primeira classe.

Ainda não tinha atingido 18 anos quando lhe morreu o pai. Sentindo a responsabilidade de ser homem, sem que ninguém lha fizesse notar, tratou de arranjar explicações para ter meios com que suprir as necessidades da família. Respeitoso com a mãe e a irmã mais velha, ás quais nunca fez sentir o peso dos benefícios, era benévolo e protector para os irmãos mais pequenos. A sua bolsa, apesar de magra, e o seu fraco préstimo estavam sempre ao serviço dos seus semelhantes sem os vexar nem melindrar. Todos que conheciam Paulo tinham-no com um modêlo e, apesar

de muito novo, respeitavam-no pelas suas virtudes, que êle não ostentava, mas eram visíveis a todos que soubessem vêr. Prudente, valente sem pataratices, sereno e decidido, Paulo tinha todas as qualidades d'um forte. Um dia, estava Paulo para casar, quando lhe trouxeram ordem para se apresentar no seu regimento, para marchar para a África. A família abraçou-se a êle, com o vulgar egoismo de quem não quer perder o seu amparo físico e moral.

«Queriam pedidos, empenhos, tudo menos que êle fôsse.

«Serenamente, sem se irritar contra aqueles que o queriam levar a faltar, Paulo declarou :

«—O serviço da Pátria está acima de tudo. Deixo-lhes todo o meu dinheiro. Se eu morrer, terão a pensão de sangue. Mas não ha nada que me faça ficar mudo á voz da Pátria quando ela chama os seus filhos.

«Partiu. Portou-se heroicamente, e tanto se expoz qua as balas não o pouparam.

«Morreu alegre e satisfeito, apesar de obscuro. E as ultimas palavras que pronunciou e que um official seu amigo repetiu á mãe, fôram as seguintes :

«—Dei á Pátria quanto lhe devia. Môrro satisfeito. E soltou um viva a Portugal.

«Na sua sepultura, que apenas uma cruz de madeira ornava, o seu amigo fez escrever :

«*Aqui jaz um digno portuguez !*

«Feliz, aquele que merece tal epitáfio : não basta viver bem, é preciso morrer como se viveu.»

Isto lia Joãozinho num necrológio do *Diário de Notícias* encimado pelo retrato dum simpático rapaz ostentando o pequeno uniforme de tenente de infantaria. A irmã escutava-o atentamente e, quando êle se calou, observou-lhe :

— Que orgulho deve ter a mãe dum tal filho!

João sorriu desdenhoso e retorquiou-lhe :

— Isto são velharias. As pessoas modernas pensam, primeiro do que tudo, no seu bem estar.

— Sempre és muito tolo ! disse a irmã num mixto de sinceridade e admiração que não tinha nada de amavel.

— Eu é que sou tolo e tu é que tens admiração por uma pessoa que, podendo ainda viver, preferiu morrer, sem saber o que o espera depois de morto.

— Espera-o o ceu porque foi bom.

— Tu sabes lá se foi bom ou mau!

— Pelo que diz o jornal . . .

— ;Então não ouviste no outro dia o tio Cláudio afirmar que não ha patifê que, quando morto, não passe a ser santo, e que os necrológios dos jornais não exaltem?

— Isso não prova que fôsse mau, João . . . ;Sabes o que eu te digo? Acho razão á mamã quando diz que as crianças não devem assistir ás conversas das pessoas grandes, porque, geralmente, só lhes fica na

memória o que nelas ha de mau e não reparam no bom.

— ¿A que vem o sermão? interrogou o pequeno em tom irónico.

— Vem para te fazer notar que te não faz bem ouvires as conversas do tio Cláudio... tornas-te egoista como elle

— Ai! ¿tu chamas egoista ao tio? Deixa que eu direi á mamã.

— Vê se eu tenho ou não razão! Ameaças de ir fazer queixa de mim porque te censuro, e não percebes que uma denúncia é tudo quanto ha de vil.

— Estás uma doutora!

— Estarei, mas garanto-lhe que me sinto feliz pelo modo por que compreendo e aprecio as cousas e as pessoas.

— Estás rica!

— E estou. Tenho o aplauso de mim própria.

Parada entre portas, D. Rosália, a mãe dos nossos pequenos contendores, assistia sem ser vista á polémica dos filhos. Quando Adelaide acabou de fallar, chamou-a, dizendo:

— Vem cá, minha filha, eu estou orgulhosa de ti do mesmo modo que tu julgas que o deve estar a mãe do infeliz morto. Os teus sentimentos enchem-me de tão vivo júbilo, quanto os de teu irmão me assustam e desconsolam.

E abraçou ternamente a filha antes de passar á sala contígua.



João, vexado, torcia e retorcia nas mãos a ponta do bibe, de facês afogeadas e olhos no chão.

Adelaide hesitou um instante e, dirigindo-se a êle, abraçou-o por sua vez tentando conforta-lo :



— Vem cá, minha filha... (pag. 118)

Olha, meu amiguinho, tu, no fundo, és um bom rapaz, mas as ideas que ouves impressionam-te... A culpa não é tua.

Comovido, João concordou:

— Tens razão, a culpa não é minha e prometo emendar-me.

Nessa noite, quando o tio Cláudio, sentado junto do fogão, expandia as suas ideas absurdas e pessimistas, notou a ausência do seu pequeno ouvinte, cuja atenção constante o costumava lisonjear, e perguntou onde é que êle estava.

Então Adelaide adeantou-se ruborisada e declarou com sinceridade:

— Fui eu, meu tio, que lhe fiz notar que ouvir as suas censuras lhe fazia mal... muito mal.

Espantado, o tio Cláudio perguntou porquê.

Cada vez mais atrapalhada, mas sempre sincera, Adelaide continuou:

— Porque se estava tornando muito egoísta.

Ouvindo isto, o tio Cláudio não riu. Chamou a sobrinha, fitou-a com simpatia e confessou-lhe:

— Acabas de dar uma bôa lição ao teu velho tio e prometo-te que a saberei aproveitar. Nunca mais as minhas palavras serão nocivas para teu irmão.

O tio Cláudio cumpriu a promessa. Dentro em pouco, Joãozinho entusiasmado contava á irmã os ímpetos de abnegação que sentia pelos companheiros menos felizes no estudo do que êle era, e Adelaide pensava:

— Quem te viu e quem te vê!

O tio Cláudio, conversando um dia entre amigos, dizia:

— A melhor lição que tive na minha vida foi-me dada por minha sobrinha Adelaide. E' a ela que devo o hábito de reparar no que digo e diante de quem fallo.

Todos riram e aplaudiram o facto. Adelaide não se envaideceu com os resultados obtidos. Além de sensata era muito modesta, qualidade que sobre todas encanta, quando é natural e dela não resulta a hipocrisia, que é sempre hedionda.





# HISTORIA D'UM CÃO



XVIII

Era um magnífico cão o Sado. Tinha sido comprado, ainda de mama, a uma linda cigana, que andava pelas portas a vender cachorros de raça. Umberto, o filho do proprietário mais rico de Castro Alvo, viu-o e ficou encantado com êle. Chamou a cigana e perguntou-lhe quanto queria por êle.

— Muito barato, senhor! uma libra.

— Uma libra! Por um cão tão pequeno! . . .

— Não posso vender por menos: é duma raça muito fina.

— Espere aí que eu vou vêr se o meu pai mo compra.

E, pegando no cão, deitou a correr com êle através das floridas alamedas do jardim.

O rico proprietário estava sentado ao fundo da quinta, numas seixas revestidas de azulejo azul e branco, colocadas de espaço a espaço entre altos e bem cuidados alegretes.

Vendo aproximar o filho, mal podendo com o cão que, apesar de novinho, era grande e gôrdo, perguntou-lhe :

— ¿ Onde fôste arranjar esse bonito cão ?

— Passou na estrada uma cigana a vendê-los e eu, achando êste muito lindo, chamei-a para pedir ao pai que mo comprasse.

— ¿ Quanto quer ela pelo cão ?

— Uma libra.

— Não é caro, porque é de raça soberba.

E, abrindo a bolsa, tirou a quantia pedida que entregou ao filho, dizendo :

— Fica com êle enquanto o tratares bem ; mas, se o vir mal tratado, perdes o direito ao cão. E' este o nosso contrato . . .

— Que eu tratarei de respeitar para não perder tão bonito animal.

— Põe-no sobre essa seixa.

— ¿ O que vem a ser seixa ?

— Esse banco metido no muro, igual a êste em que estou sentado.

— Em casa da tia Leonor ha isto nos vãos das janelas.

— Em todas as casas antigas isso é vulgar. Bem, deixa aí o cão e vai pagar á mulher.

Umberto correu a satisfazer a ordem paterna.

A cigana retirou-se contentissima porque pedira uma libra e estava resolvida a entregar o cãozito a troco de dois escudos.

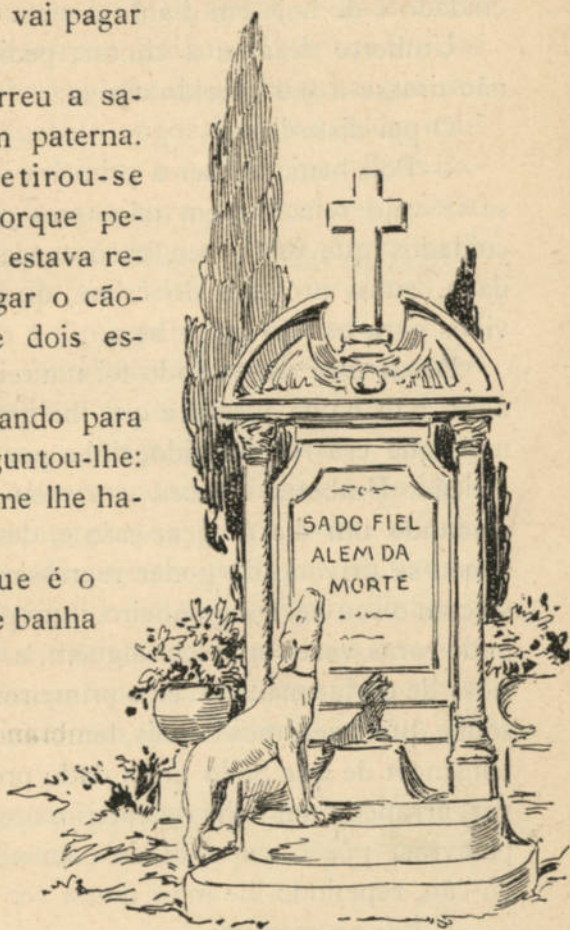
Depois, voltando para junto do pai, perguntou-lhe:

— ; Que nome lhe havemos de pôr?

— Sado, que é o nome do rio que banha a nossa terra.

Nos primeiros dias, não houve cuidado que Umberto não dispensasse ao seu cão; depois, a pouco e pouco, enfas-

tiou-se dêle e, embora tivesse amizade ao animal, não era a necessária para ter paciência de o tratar. Então o pai, chamando-o, disse-lhe :



Sado, fiel alem da morte (Pag. 127)

— Faltaste á nossa combinação: o cão anda mal cuidado e de hoje em diante é meu.

Umberto desatou a chorar, pedindo-lhe que lhe não tirasse o seu querido amigo.

O pai disse-lhe:

— Pois bem, por ser a primeira vez, perdôo; mas se te vejo reincidir em não teres com o animal os cuidados que deves ter, escusas de pedir. E' maldade, quasi próxima do crime, querer possuir sêres vivos para os não tratar bem.

Desde êsse dia, o Sado foi um rei pequeno. O seu dono não havia pieguice que lhe não fizesse. O animal, que era reconhecido, tinha por êle uma grande afeição. Umberto cresceu e tornou-se um homem. Andando um dia á caça, cafu e, deslocando um pé, achou-se privado de poder regressar a casa. Estava só com o seu fiel companheiro, num pinhal longinquo, onde raras vezes aparecia alguêm, a não ser nas ocasiões de cortar madeira. Nos primeiros momentos não soube que fazer, mas depois, lembrando-se da rara intelligência de que Sado tinha dado provas mais duma vez, arrancou um folha da carteira e, escrevendo umas palavras, pôs o papel atado com o lenço na coleira do cão, repetindo-lhe mais duma vez:

— Vai ao meu pai.

O Sado fitou-o, agitou a cauda e partiu correndo. Um quarto de hora depois, seu pai, a cavallo, seguido dum criado, também montado, que trazia á mão uma linda égua preta, vinha, guiado por Sado, ao sítio onde



êle se encontrava. Umberto montou com grande dificuldade e regressou a casa. Mas, talvez de estar muito tempo deitado num terreno umido e empapaçado pelas recentes chuvas, sobreveio-lhe uma bronquite, que, depois de conservar durante longos dias a família na mais aflitiva anciedade, o vitimou no dia em que fazia justamente um mês em que déra a desastrosa queda.

O Sado, desde que o dono adoeceu, nunca mais abandonou os pés do seu leito. Para ir comer era preciso ser levado á fôrça pelo pai de Umberto; se não, resistia e não abandonava o lugar. Quando percebeu que o dono tinha morrido, nunca mais comeu e dias depois expirava também. O proprietário, que habitava em Castro Alvo, mandou edificar no cemitério daquela aldeia um sumptuoso jazigo, sobre o qual, pelo escopro dum dos nossos milhores escultores, foi lançada, em tamanho natural, a figura do Sado, uivando de dôr, como quando êle percebera que para sempre o haviam separado de seu amo. Na coleira mandou-lhe gravar o pai de Umberto: *Sado. Fiel além da morte.*

E aqui está, meus pequeninos leitores, um belo exemplo de rara dedicação dado aos homens por um humilde animal.

FIM

# ÍNDICE

---

	PAG.
O livro do dr. Décio . . . . .	5
No Jardim Zoologico . . . . .	13
A padeira de Santarem. . . . .	17
No Entrudo . . . . .	25
Um bom rapaz . . . . .	31
Quem diz o que não deve, ouve o que não quer . . . . .	43
A marmelada . . . . .	47
O botão de rosa. . . . .	55
A árvore do Natal . . . . .	59
Os ovos de D. Eufrasia . . . . .	71
A protegida da morte . . . . .	75
O pasmo de Pepito . . . . .	89
A conferência de Carlinhos . . . . .	93
Os numeros árabes. . . . .	99
Quem ensina... . . . .	103
Mé! mé!. . . . .	111
Lição ao tio . . . . .	115
Historia d'um cão . . . . .	123







# PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Outros livros para creanças, editados por esta casa,  
com bonitas encadernações em percaline

As mães e ás filhas, por Cañel .....	700
A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno, nova tradução muito desenvolvida e ampliada, 3 vols. illustrados com muitas gravuras .....	65000
Contos da avózinha, por J. Q. Travassos Lopes, 3 vols. illustrados .....	15080
Contos, de Pedro Ivo.....	300
Contos, de Trueba .....	500
Contos do tio Joaquim .....	300
Contos e phantasias, por Maria Amalia Vaz de Carvalho.....	800
Contos para a infancia, por Guerra Junqueiro, 5.ª edição illustrada com chromos .....	600
Descoberta da India, por Pinheiro Chagas, illus- trado .....	15000
A filha do João do Outeiro, romance por Cañel, illustrado.....	900
Historias, por Gyp, illustrado.....	700
Historias de animaes, sua vida, costumes e are- dotas, por Travassos Lopes, 3 vols. illustrados.	15200
Difosa patria minha amada, por J. T. da Silva Bastos, edição illustrada.....	600
Primeiras leituras, por Cañel, illustrado.....	600
Leituras correntes e intuitivas (conhecimentos uteis), por Travassos Lopes, 2 vols. illustrados	720
Leituras populares instrutivas e moraes, por Brito Aranha, illustrado .....	200
Maravilhas da creação, ou historia e descripção illustrada dos animaes, 3 vols. com mais de 500 gravuras .....	85000
Revista branca, dedicada ás creanças.....	700
Horas de folga. contos por Maria O'Neill, illus- trados, cart. ....	300
Recreações infantis, contos por Maria O'Neill, illustrados, cart. ....	300
Para ler nas férias, contos por Maria O'Neill, illustrados, cart. ....	300
Por bom caminho, contos por Maria O'Neill, illus- trados, cart. ....	300

